

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ALESSANDRO DI LORENZO

Ex-atletas como comentaristas durante cobertura da TV Globo da Olimpíada Rio 2016

PORTO ALEGRE
2016

ALESSANDRO DI LORENZO

Ex-atletas como comentaristas durante cobertura da TV Globo da Olimpíada Rio 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Deus.

PORTO ALEGRE
2016

ALESSANDRO DI LORENZO

Ex-atletas como comentaristas durante cobertura da TV Globo da Olimpíada Rio 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sandra de Deus – UFRGS
Orientadora

Dr.^a Sabrina Franzoni – Unisinos
Examinadora

Me. Vicente Fernandes Dutra Fonseca – UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora, professora Sandra de Deus, pela competência e dedicação. Sem a sua grande ajuda esse trabalho não seria possível. Também agradeço à minha família pelo apoio em todos os momentos e importância na minha formação como cidadão. E aos amigos pelas dicas e por dividirem comigo as preocupações e dúvidas que fizeram parte do desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta analisar a participação de ex-atletas como comentaristas nas transmissões realizadas pela TV Globo em sua cobertura da Olimpíada Rio 2016. A base teórica que apoia esta pesquisa traz conceitos sobre o que é jornalismo, além de estudos sobre o jornalismo esportivo. Através dos autores selecionados para embasar o trabalho, compara a atuação dos esportistas e dos jornalistas durante os jogos da seleção brasileira masculina de basquete e vôlei na competição. Desse modo, busca entender como os ex-atletas se inserem dentro das transmissões e qual a importância deles na cobertura, pontuando as principais diferenças entre a atuação desses esportistas e dos jornalistas presentes nas transmissões.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo esportivo. Ex-atletas. Ídolos. Olimpíada.

ABSTRACT

This project has as its proposal analyze the participation of former athletes as commentators in the broadcasts of the TV Globo on the Olympic Games Rio 2016. The theoretical base supporting this research brings concepts about what is journalism, besides studies about sports journalism. Through the authors selected to base this project, compare the acting of the sports people and journalists during the games of the Brazil's men's basketball team and volleyball team in the competition. Thus, tries to understand the way that the former athletes insert themselves into the broadcasts and what is their importance on the coverage, punctuating the main differences between the acting of those sports people and journalists present in the broadcasts.

Key-words: Journalism. Sports journalism. Former athletes. Idols. Olympic Games.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JORNALISMO	11
2.1 Jornalismo esportivo.....	12
2.2 Especialização esportiva.....	16
2.3 Emoção, espetacularização e entretenimento	19
2.4 Linguagem	21
2.5 Ídolos como personagens das narrativas	22
3 COBERTURA RIO 2016	27
3.1 TV Globo	28
3.2 Jogos Olímpicos	29
3.3 Basquete.....	29
3.3.1 Brasil x Lituânia	30
3.3.2 Brasil x Espanha	31
3.3.3 Brasil x Croácia	34
3.3.4 Brasil x Argentina.....	36
3.4 Vôlei	39
3.4.1 Brasil x México	39
3.4.2 Brasil x Estados Unidos.....	42
3.4.3 Brasil x França.....	44
3.4.4 Brasil x Argentina.....	45
3.4.5 Brasil x Rússia	47
3.4.6 Brasil x Itália	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Desde criança sempre fui fã de esportes. Cresci e até hoje levo comigo o hábito de acompanhar diversas modalidades, principalmente futebol e basquete. Em razão disso, sempre acompanho com muita paixão os Jogos Olímpicos. É a oportunidade de conhecer e me emocionar com outros esportes. Também sempre tive muita fascinação pelo jornalismo, carreira que decidi seguir na minha vida. A partir dessa escolha profissional, muito antes de começar a pensar sobre o tema deste estudo, algo começou a me intrigar. Reparei que o número de profissionais que participam de transmissões esportivas e que não são jornalistas vem crescendo. São ex-árbitros, ex-dirigentes e, principalmente, ex-atletas.

Na prática jornalística, assim como na sociedade, é importante estar sempre atento às transformações e às novas tendências. Por isso, acredito ser relevante discutir qual o papel desses novos profissionais dentro das transmissões jornalísticas. Desse modo, a escolha do tema deste estudo foi feita a partir de meu entendimento de que o assunto deva ser discutido em razão de representar um marco na prática jornalística. É também uma oportunidade de unir duas paixões pessoais: o jornalismo e o esporte.

O ano de 2016 foi histórico para o esporte brasileiro. Foi a primeira vez que uma Olimpíada foi disputada dentro do país, atraindo a atenção do mundo todo. O evento também representou um capítulo importante na história do jornalismo esportivo. Figuras representativas do esporte foram utilizadas durante as coberturas. O fato não é inédito, uma vez que já era possível acompanhar o trabalho de esportistas em transmissões esportivas, como o futebol ou vôlei, por exemplo, muito antes da escolha do Brasil como país sede da Olimpíada de 2016. No entanto, os Jogos possibilitaram uma análise em grande escala de como esses profissionais atuam dentro das coberturas jornalísticas.

O presente estudo tem como finalidade analisar a participação de ex-atletas nas transmissões da Olimpíada pela TV Globo, emissora oficial do evento. Serão identificados os momentos em que os profissionais são chamados a intervir, como suas falas modificam a cobertura, além da importância deles dentro das transmissões. Este estudo deve ser enquadrado no ramo das pesquisas qualitativas pois não se objetiva a produzir quantidades, mas sim a compreender as novas tendências do jornalismo esportivo televisivo através da comparação entre as atuações dos esportistas e dos jornalistas na cobertura.

Para cumprir esses objetivos foram escolhidas para análise as coberturas da emissora de dez partidas da seleção brasileira nas modalidades de vôlei e de basquete. Os esportistas que participaram dessas transmissões foram: Alexandre Ramos Samuel, o Tande; Gilberto Amauri de Godoy Filho, o Giba; e Fabiana Alvim de Oliveira, mais conhecida como Fabi, pelo vôlei, além de Tiago Splitter e Hortência, pelo basquete. Todos eles integraram o chamado “*Time de Ouro*” formado pela Rede Globo para sua cobertura do evento.

Como ponto de partida para este estudo é preciso entender o que é jornalismo. É esse o tema do capítulo 2, que trará o autor Nelson Traquina (2005) como base teórica para o entendimento do papel da prática jornalística. Também os ensinamentos dos autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004) serão utilizados nessa primeira parte do estudo, com o objetivo de contextualizar quais são as atribuições e responsabilidades dos profissionais da área. Na sequência, dentro do mesmo capítulo, será tratada a segmentação esportiva do jornalismo, com a apresentação de uma breve história do jornalismo esportivo, bem como as teorias propostas por Antonio Alcoba López (2005) e Paulo Vinicius Coelho (2004) sobre a importância da especialização e os desafios enfrentados por quem trabalha dentro da área. Ainda serão abordados temas circunscritos à editoria esportiva, como a linguagem, a emoção própria da prática esportiva e o caráter de entretenimento presente no jornalismo esportivo. Para tal serão utilizados os autores Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006). Por fim, Edgar Morin (1997) e Joseph Campbell (2005) serão apresentados como referências teóricas na discussão sobre ídolos como personagens de narrativas, com a intenção de compreender como essas figuras que povoam o imaginário do público podem se tornar participantes de coberturas jornalísticas.

O capítulo seguinte tem como temática os Jogos Olímpicos, trazendo um histórico sobre o evento esportivo, além de tratar sobre a Globo, emissora responsável pela transmissão das partidas analisadas. É nessa parte, também, que serão realizadas as análises dos jogos selecionados, utilizando os autores citados anteriormente para identificar quais os pontos positivos e negativos do uso de ex-atletas pela empresa de comunicação durante sua cobertura. Ainda será levada em conta a atuação dos profissionais jornalistas, os narradores, e qual o resultado dessa junção entre os dois tipos de profissionais na transmissão esportiva.

Por fim, nas considerações finais serão apresentadas as conclusões das análises das participações de ex-atletas e jornalistas nas transmissões selecionadas. As avaliações serão embasadas no referencial teórico utilizado no estudo.

2 JORNALISMO

A prática jornalística se legitima por sua função social. Os jornalistas devem oferecer ao público informações verdadeiras e objetivas, que possam contribuir para o crescimento da sociedade como um todo, observa Nelson Traquina (2005). Essas informações saciam a necessidade das pessoas de saber sobre fatos que vão além das suas próprias existências, apontam Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004). Isso cria uma sensação de segurança, controle e confiança.

Elas [as pessoas] precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além da sua própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. Trocar figurinhas com essa informação se converte na base para a criação da comunidade, propiciando as ligações entre as pessoas. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 36).

O jornalismo também é fundamental para a manutenção da vida democrática, dando voz não só a autoridades, como políticos, mas também a cidadãos comuns. “A principal finalidade da profissão é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar.” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 31).

As notícias que fazem parte do universo do jornalismo dão conta de todos os setores da sociedade. Vão de informações mais locais até aquelas que impactam todo o mundo. “Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ do triunfo e tragédia.” (TRAQUINA, 2005, p. 21).

Pode se dizer que o jornalismo tem o poder de mudar a vida das pessoas, mas também pode gerar grandes prejuízos se praticado com má fé. Entre as características da boa prática jornalística estão a independência, a lealdade e o dever de apresentar as notícias de forma proporcional, comentam os autores Kovach e Rosenstiel (2004). Mas é importante salientar que, apesar da busca do jornalismo pela imparcialidade, essas notícias nunca são de fato desprovidas completamente dos valores do jornalista. Ou seja, o próprio jornalismo acaba retratando uma parcela da realidade escolhida pelos profissionais da imprensa: “As notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas partilham, como membros da sociedade, com a sociedade. Como um todo. Como seus membros.” (TRAQUINA, 2005, p. 29).

O poder das notícias e do jornalismo dentro da sociedade cresceu a partir do desenvolvimento da prática profissional. No século XIX o jornalismo ficou conhecido como o

“Quarto Poder”. Essa definição surgiu quando um deputado do parlamento inglês, Lord Macaulay, chamou os profissionais da imprensa assim, fazendo uma referência aos três poderes da Revolução Francesa: o clero, a nobreza e a burguesia. Atualmente, o jornalismo seria o “Quarto Poder” em relação aos poderes executivo, legislativo e judiciário. Segundo Traquina (2005), sua função é a de controlá-los, denunciando abusos que desrespeitem a ordem democrática através da capacidade de investigação e divulgação de informações úteis à sociedade, próprios desta prática profissional. Os jornalistas se tornaram porta-vozes da opinião pública e fiscalizadores do governo.

Como já descrito, a prática jornalística requer muita responsabilidade dos profissionais da imprensa. É preciso ter compromisso com a verdade e saber que as notícias veiculadas podem prejudicar pessoas envolvidas nos fatos noticiados.

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que fornecem uma manta de legitimidade ao negócio. (TRAQUINA, 2005, p. 207-208).

Já os brasileiros Barbeiro e Rangel (2006) afirmam que existem dez grandes desafios do jornalismo. São eles: o desafio do tempo e do espaço; da justiça; do serviço; do serviço aos anunciantes; da comunicação; da criatividade; da juventude; de homens e mulheres; da normalidade e da paixão.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO

Antes mesmo de existir jornalismo, o esporte já era praticado pelos homens. Inicialmente através de lançamentos de pedras, de uma forma completamente diferente da atual, e sem a noção de jogos ou de competição. Com o passar dos anos, a prática foi se aperfeiçoando e há registros do surgimento de grandes competições esportivas nas civilizações da antiguidade, como no Egito, Grécia, Roma, China e Índia. Entre elas os Jogos Olímpicos, criados pelos gregos no ano de 776 a.C. Segundo Antonio Alcoba López (2005), essa época também é marcada pela construção de grandes espaços para a prática esportiva, ligada à recreação e marcada pelo seu emprego bélico. Esses locais reuniam um grande número de espectadores. O Circo Máximo, na Roma antiga, por exemplo, tinha capacidade para 300 mil pessoas. Já nesse

período fica clara a força do esporte e o grande interesse do homem por ele: “*la aceptación del juego y su propagación es imparable. Traspasa todos los ámbitos de la sociedad y es acogido por las fuerzas religiosas, militares y políticas de los Estados.*” (ALCOBA, 2005, p. 20).

No renascimento, o entendimento da prática esportiva passa por uma reestruturação, transformando-se em uma atividade educativa. É nesse período que Pierre de Fredy, mais conhecido como Barão de Coubertin, resgata os Jogos Olímpicos e cria o Movimento Olímpico Internacional. O esporte vai se desenvolvendo, ganhando cada vez mais força e espaço na vida das pessoas.

El juego crea el ambiente propicio para ofrecer una actividad que, al desarrollarse de forma voluntaria, permite evadirse de los problemas cotidianos y, a su vez, contemplada por quienes no la efectúan, genera un interés asimilado al que hoy provoca al espectáculo. (ALCOBA, 2005, p. 21).

Com o avanço do esporte, surge um ramo do jornalismo destinado a ele. A propagação de informações sobre vitórias e derrotas ganhou espaço na imprensa quando esses feitos ultrapassaram os limites de uma fazenda, de um povo e de uma cidade, conta Alcoba (2005). As primeiras notícias do jornalismo esportivo eram de casos curiosos, de repercussão na sociedade daquele tempo. Entre eles uma luta, uma modalidade parecida com o boxe atual, com o cozinheiro do Lorde Smith contra o padeiro do Duque de Bridge. Foram três encontros entre eles, sendo que o último foi disputado em um local maior devido à grande quantidade de pessoas que queriam assistir ao confronto. Alcoba descreve a evolução da cobertura sobre esportes:

Poco a poco las notas sobre deporte se fueron ampliando con artículos descriptivos de los juegos y deportes más praticados, los aspectos que la práctica del deporte suponía para la salud, con la difusión de tablas de gimnasia, apuntes y confrontaciones entre deportistas de los incipientes clubs nacidos por la aureola de la moda del sport, que desde Inglaterra se extendió por Europa. (ALCOBA, 2005, p. 38).

O desenvolvimento da imprensa esportiva seguiu com a inclusão de notícias em jornais e rádios, tendo sucesso imediato. Um dos marcos do jornalismo esportivo foi a transmissão televisiva de um evento de grande porte como a Olimpíada de Berlim, em 1936:

Las cadenas de televisión, inmersas en el deseo de obtener beneficios, pronto se dieron cuenta de que ele deporte podia ser uno de los atractivos que enganchara a los televidentes y no dudaron en apostar por él, hasta el punto de haberse convertido en el presupuesto más importante de las cadenas de televisión. (ALCOBA, 2005, p. 40).

A partir de então, com a imprensa esportiva consolidada e com as informações esportivas cada vez mais difundidas, foi constatada a necessidade de jornalistas especializados no assunto. Os profissionais que passaram a escrever sobre esporte não eram os mesmos que publicavam anteriormente notas sobre alguns acontecimentos ligados à prática esportiva.

Finalmente, en las redacciones de los periódicos, y luego en las de los medios audiovisuales, surgieron periodistas que al percatarse de la laguna existente para el tratamiento del deporte y el interés que éste provocaba en los lectores, decidieron pasar de unos géneros en los que la competencia era muy grande al tratamiento periodístico del deporte, sin importales que ese cambio pudiera tener reflejo en su prestigio intelectual, pues la información deportiva se pensó que era vulgar, con expresiones no adecuadas a la trayectoria de la literatura y por estar destinada a un público escasamente cultivado. Con el paso del tiempo se comprendería cuán equivocados estuvieron quines de esa forma pensaban y despreciaban al periodismo deportivo. (ALCOBA, 2005, p. 50).

Hoje, muitos jornais e revistas apostam na apresentação de conteúdos essencialmente voltados ao esporte. Na Espanha há o *Mundo Deportivo*, *As* e *Marca*. Na França o destaque é o jornal *L'Equipe*. *La Gazzeta dello Sport* e *Corriere dello Sport* são publicações esportivas tradicionais da Itália. Já nos Estados Unidos está uma das revistas mais importantes do ramo esportivo: a *Sports Illustrated*.

No Brasil, a expansão e consolidação da imprensa esportiva foi mais tardia. Paulo Vinicius Coelho (2004) conta que o primeiro “palpiteiro” sobre esportes do país foi o autor da obra *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, no início do século XX. Nos anos iniciais da cobertura esportiva brasileira, pouquíssimas pessoas imaginavam que algum esporte pudesse ganhar espaço, estampando manchetes em capas de jornais. Nem mesmo o remo, esporte mais popular da época.

Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia. (COELHO, 2004, p. 7-8).

As primeiras publicações sobre esporte surgem no Brasil nos anos 1910. E foi o futebol o responsável pelo fortalecimento desse tipo de notícias. O jornal *Fanfulla*, em São Paulo, teve papel fundamental na história do jornalismo esportivo brasileiro. Nele eram divulgadas informações sobre esportes. O jornal começou a conquistar muitos adeptos, principalmente os italianos, cada vez mais numerosos na capital paulista. Em uma de suas publicações, o público foi convocado a fundar um clube de futebol. O resultado foi a criação do Palestra Itália – que

depois se transformou na atual Sociedade Esportiva Palmeiras. *Fanfulla*¹ é até hoje considerado um dos melhores meios para consultar informações sobre o início da história do clube de futebol. Na publicação, datada de um tempo em que o esporte não cativava multidões, eram informadas fichas técnicas de todos os jogos do clube.

O jornalismo esportivo, de fato, nasce um pouco mais tarde, no início dos anos 1920. A popularização do futebol foi fundamental para que isso ocorresse. Em 1923, o Vasco da Gama venceu a segunda divisão do Campeonato Carioca apostando em jogadores negros. Na ocasião, a equipe recebeu a alcunha de *Os Camisas Negras*. A partir daí o esporte iniciou sua trajetória de sucesso no Brasil, transformando-se hoje na maior paixão dos brasileiros. Um pouco mais tarde, em 1930, nasce no Rio de Janeiro o primeiro diário exclusivamente de futebol do país, o *Jornal dos Sports*.²

Revistas e jornais de esporte foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. Apenas em 1960 é que os grandes cadernos de esportes tomaram conta de vez das publicações. Em São Paulo foi criado o *Caderno de Esportes* – que depois originaria o Jornal da Tarde. Coelho (2004) observa que é em meio a esse período de dificuldades, quando o jornalismo esportivo ainda lutava pelo seu espaço e muitas publicações apresentavam uma vida curta, que o Brasil entra para a lista de países com imprensa esportiva de larga extensão.

Além dos problemas para conquistar seu espaço na imprensa, o jornalismo esportivo e os profissionais que o compunham tiveram que enfrentar também o preconceito. “*Los primeros periodistas deportivos fueron tomados como periodistas de segunda, ya que el área que trataban estaba al alcance de cualquier pluma y cualquiera podía llevar a cabo la realización de esa información.*” (ALCOBA, 2005, p. 65). A ideia de que notícias esportivas são menos relevantes do que assuntos ligados à política, economia, entre outros, era comum. Além disso, pressupunha-se que o entendimento sobre o esporte era muito mais fácil de ser adquirido em comparação a outros assuntos. Alcoba descreve esse o sentimento: “*todo el mundo entiende de deporte, en tanto que sólo una minoría es capaz de comprender el embrollo en que gobernantes, políticos y periodistas politólogos convierten la política, por los enfrentamientos que la realidad social impone.*” (ALCOBA, 2005, p. 65). Esse preconceito também possuía cunho social. Coelho (2004) observa que os profissionais responsáveis por dirigir as redações esportivas no Brasil na fase inicial das coberturas sobre esporte enfrentaram diversas

¹ Atualmente os arquivos do jornal podem ser acessados na internet no site www.jornalfanfulla.com/paginas.asp?categoria=arquivo.

² Após diversas trocas de comando, a publicação encerrou definitivamente suas atividades em 2010.

dificuldades. Entre elas, lutar contra o pensamento de que apenas pessoas de menor poder aquisitivo poderiam se tornar leitores de diários esportivos.

Passados os anos, o preconceito contra o jornalismo esportivo ainda existe. Às vezes sem nem percebermos separamos ele do restante do jornalismo. Simplesmente o chamamos de esporte, como se a editoria não fizesse parte da gama de assuntos possíveis de serem abordados pela prática profissional. Coelho (2004) lembra que os princípios do bom jornalismo - como esforço, independência e imparcialidade - devem estar na base da atuação também do profissional da imprensa esportiva.

2.2 ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA

“Especializar-se nunca é demais.” (COELHO, 2004, p. 51). A dica dada pelo autor é essencial para quem trabalha ou pretende atuar na imprensa esportiva. A falta de conhecimento sobre os assuntos abordados pelos jornalistas esportivos é um dos fatores que contribui para a ideia de que a editoria não tem seriedade, é mais parcial e passível de opiniões baseadas em paixões pessoais. Mas possuir conhecimento sobre as diversas modalidades que permeiam o mundo esportivo não é tarefa fácil.

En la actualidad el número de deportes que se practican y que suelen ser tratados por los medios de comunicación sobrepasa el centenar, debido a la incorporación de nuevas modalidades de los existentes y la aparición de especialidades relacionadas con las modernas maquinarias que permiten establecer deportes salidos de ellas. (ALCOBA, 2005, p. 53).

Na Olimpíada Rio 2016, por exemplo, foram disputadas 42 modalidades esportivas. Alcoba (2005) resume as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da área na cobertura de uma gama tão grande de esportes durante os Jogos, ao afirmar que “*no existe periodista desportivo capacitado para juzgar tal diversidade de deportes, ni médio de comunicación con espacio suficiente para dar información de todos los citados.*” (ALCOBA, 2005, p. 55).

Por isso, os profissionais que trabalham na área não devem buscar saber tudo sobre todos os esportes, e sim se aperfeiçoar em um ou alguns deles. Se compararmos o jornalismo com outras profissões concluiremos que para o bom exercício de qualquer função é necessário ter conhecimento. Quanto mais especializado for um médico, por exemplo, melhor será seu

atendimento aos pacientes. E quanto mais especialização possuir o jornalista, também melhor será o seu trabalho.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes. (COELHO, 2004, p. 37).

Uma melhor capacitação dos jornalistas esportivos também é defendida por outros autores. Com profissionais mais competentes, esta área específica do jornalismo poderia ganhar mais credibilidade.

[...] é indispensável tratá-lo com a mesma seriedade dispensada a outras editorias, que tendem a não dar espaço de opinião para palpites mal informados. Um caminho para o jornalismo esportivo ser levado a sério é a aposta em profissionais competentes para emitir opinião com qualidade e em bom português. Não havendo este tipo de profissional, quem perde é o público, que não pode cobrar qualidade de quem não está preparado para oferecê-la. (BRITOS & ANDRADE, 2008).

Mesmo assim, obter especialização em determinada modalidade esportiva requer bastante trabalho. Cada esporte possui suas especificidades e não há um modelo ou cartilha que possa ser seguido pelos profissionais na busca pelo conhecimento. Coelho (2004) ressalta que não é raro ouvir reclamações de técnicos, jogadores, preparadores físicos e fisiologistas sobre o desconhecimento dos jornalistas esportivos que tratam sobre os acontecimentos futebolísticos. Mas pontua que é mais comum verificar esse tipo de fato em outros esportes, como no automobilismo, que requer um conhecimento mais apurado também sobre motores, aerodinâmica e etc. “O automobilismo exige um preparo técnico que outros esportes não exigem. Por isso, é comum, tanto quanto no futebol, ver gente que não é do ramo trabalhando em coberturas de esportes como Basquete e Vôlei.” (COELHO, 2004, p. 43). O autor cita o exemplo do piloto brasileiro de Fórmula 1, Nelson Piquet - tricampeão mundial nos anos de 1981, 1983 e 1987. Na década de 1980, Piquet recebeu diversas vezes o prêmio Limão, conferido ao sportista mais antipático. Quem dava essa “premiação” eram os jornalistas que reclamavam do tratamento recebido por eles pelo piloto. No entanto, Coelho (2004) explica que quem conhecia a fundo o esporte nunca reclamou do comportamento de Piquet. A situação fez com que as empresas de comunicação brasileiras que realizavam a cobertura da Fórmula 1 modificassem sua atuação, redobrando os cuidados com suas equipes de profissionais nas temporadas seguintes.

Não se atinge a especialização em determinado assunto sem estudo. A capacitação de novos profissionais jornalistas é papel das universidades. Para Alcoba (1979), a preparação e formação dos estudantes, que deveria estar diretamente ligada ao estudo, deixa a desejar. O autor defende que além do tempo de preparação para o jornalismo em geral, é necessário também um período de especialização para atuar na área de preferência de cada um. Desse modo, após os anos de estudo referentes à prática jornalística, ao estudante ainda faltaria um aprendizado mais voltado a uma editoria específica.

De fato, o que acontece é que a maior parte das universidades prepara jornalistas genéricos, e cabe aos profissionais formados a busca por especialização posterior. No entanto, muitos deles escolhem, seja por opção ou obrigados pelo mercado, enfrentar o dia-a-dia da profissão a empreender mais tempo em estudos.

Além do conhecimento necessário no esporte em si, como saber as regras e a história dele, também as vivências e experiências obtidas no acompanhamento dos atletas são fundamentais para o profissional que trabalha na cobertura esportiva. Para Coelho (2004), em algumas modalidades, como basquete, vôlei ou tênis, por exemplo, o atleta exige especialização do jornalista. E, segundo o autor, esse conhecimento é adquirido através da experiência. Isso é um diferencial no trabalho realizado principalmente em esportes que contam com uma menor divulgação na mídia.

A importância de uma cobertura diferenciada é ainda maior em esportes de muita visibilidade, como o futebol no caso do Brasil. Coelho (2004) cita a frase do jornalista Mauro Cezar Pereira: “Ninguém entende mais do assunto do que um garoto de 12 anos.”. Atualmente, são tantas as possibilidades de obter informação sobre o seu time do coração através dos noticiários esportivos que os consumidores mais “famintos” pelas novidades sabem de praticamente tudo. Sabem sobre o calendário do time, sobre seu próximo adversário, a tabela de classificação, os desfalques do clube para a partida e muito mais. Desse modo, o jornalista esportivo precisa superar também esse desafio. Segundo Alcoba (2005), o profissional precisa de algo mais, como, por exemplo, uma boa interpretação dos fatos e um comentário qualificado. O autor acredita que *“buenos periodistas deportivos no se caracterizan por escribir y hablar con conocimiento de causa sobre el deporte o los deportes que traten; son excelentes periodistas porque van más allá de la propia actualidad de la noticia deportiva.”* (ALCOBA, 2005, p. 70-71).

A especialização e um trabalho que se destaque dos demais também representa para o jornalista esportivo uma maior estabilidade dentro da profissão. Assim como no restante das editorias, o jornalismo esportivo oferece salários abaixo do esperado pelos profissionais e um mercado muito concorrido. Coelho (2004) salienta que as empresas substituem muitos profissionais qualificados por outros mais jovens e baratos. A situação se potencializa em função da grande procura pela área de atuação.

2.3 EMOÇÃO, ESPETACULARIZAÇÃO E ENTRETENIMENTO

O esporte mexe com os sentimentos seja de quem participa diretamente, seja de quem assiste aos acontecimentos circunscritos a ele. Vitórias emocionantes, viradas inesperadas, quebra de recordes, execução do hino nacional no pódio, histórias de superação. Tudo isso traz um grande aspecto emocional, que faz parte do esporte e é um dos fatores que explica a paixão do homem por ele. Essa carga sentimental presente na prática esportiva foi absorvida pela cobertura da imprensa e é utilizada nas transmissões como forma de atrair o público. Isso não é algo novo na história do jornalismo esportivo. Já nos anos 1950 Nelson Rodrigues escrevia romances sobre futebol. Transformava jogos monótonos, que provavelmente nunca seriam lembrados pelos torcedores, em textos recheados de sentimento, guardados na história e nas mentes. Coelho (2004) conta que a miopia de Nelson impedia que ele enxergasse totalmente o jogo. Diz o autor, “E daí? Romance era com ele mesmo.” (COELHO, 2004, p. 17).

Atualmente, as coberturas esportivas, principalmente de televisão, se apoiam fortemente na espetacularização, muito em função das imagens geradas pelas grandes competições esportivas. Também o aspecto de entretenimento está presente na imprensa esportiva. “Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 45).

Nesse cenário, a imprensa esportiva deve avaliar muito bem sua forma de atuação. Ao lançar mão da emoção em sua fala, o profissional precisa saber medi-la e evitar exageros. Além disso, nunca deve esquecer dos preceitos básicos que regem o jornalismo. “A emoção deve estar na dose certa e sempre ser recheada de isenção. Aliás, isenção é uma meta que deve ser perseguida todos os dias.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 46). Os autores reconhecem que não há esporte sem emoção, mas sugerem que os jornalistas esportivos sempre busquem o equilíbrio entre a emoção e a descrição dos fatos.

Também aqui não se pode dizer o que é certo e errado na atuação do jornalista esportivo. A emoção deve sim estar presente. Mas mesmo teóricos da área divergem sobre quando e como usar esse recurso durante a narrativa. Para Barbeiro e Rangel (2006), o jornalista não deve expor em demasia seus sentimentos ou torcida. “O público quer que o jornalista informe pura e simplesmente. O jornalista esportivo não precisa torcer com o torcedor e muito menos pelo torcedor.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 46).

Já segundo Coelho (2004), o profissional deve sim trazer emoção para sua cobertura com o objetivo de atrair o público. Em sua análise, o autor diferencia os papéis dos jornalistas que integram uma cobertura esportiva, afirmando que uma interpretação dos fatos mais fria é necessária, mas que também há espaço para o sentimento. Ele traz como exemplo um dos narradores mais consagrados, e ao mesmo tempo questionado, da imprensa esportiva brasileira: Galvão Bueno, da TV Globo.

É fácil malhar Galvão Bueno. Dono de uma das vozes mais brilhantes entre os locutores brasileiros, ele é tecnicamente perfeito. E, se irrita, irrita mais pela superexposição do que pelos supostos erros que comete. Ele está lá para levar o torcedor ao delírio. O comentarista e o repórter é que têm a obrigação de analisar friamente o que está ali, na cara do espectador. (COELHO, 2004, p. 64).

Outro fator que deve ser encarado com cuidado pelo jornalista da área esportiva é o caráter de entretenimento das transmissões e coberturas. Da mesma forma que a emoção deve ser medida, o aspecto lúdico e brincalhão também não pode se sobrepôr à informação. José Carlos Marques (2003) percebe uma acomodação dos jornalistas esportivos nesse sentido. Ele acredita que isso é resultado do sentimento da falta de importância ou de seriedade que circundam o esporte, além da ideia de que o jornalismo esportivo é somente entretenimento.

Em função do maior espaço conferido à espetacularização e ao entretenimento nas transmissões esportivas, a própria prática jornalística acaba sofrendo alterações. Uma das mudanças é em relação aos protagonistas dos trabalhos. Cada vez mais ascendem novos tipos de profissionais da imprensa esportiva, não mais jornalistas. São ex-atletas, que se valem de suas experiências pessoais para conquistar este novo espaço de atuação. “Apostando nessa peculiaridade da espetacularização do esporte que as emissoras de TV estão utilizando cada vez mais a figura do ex-atleta na função de comentarista esportivo em detrimento de jornalistas especializados no tema.” (NETTO, 2013, p. 2).

2.4 LINGUAGEM

A maneira como se narra os acontecimentos dentro do jornalismo esportivo sofreu modificações durante o desenvolvimento desta área específica da profissão. A linguagem já foi predominantemente ancorada na emoção. Depois, a prosa e a crônica esportiva ganharam espaço. E no final dos anos 1980 e início dos 1990 a precisão conquistou seu lugar de destaque na narrativa esportiva.

Como já referido anteriormente, é tão vasta a gama de esportes existentes na atualidade que nenhum jornalista esportivo ou emissora consegue dar conta de todos. Do mesmo modo, o público também não acompanha todas as modalidades esportivas. Eventos como os Jogos Olímpicos, por exemplo, registram enorme audiência. Na Olimpíada do Rio de Janeiro, 63,4 milhões de pessoas assistiram, no Brasil, a ao menos um minuto dos Jogos³. O futebol foi a modalidade esportiva de maior audiência entre os brasileiros, seguida por esportes que contam com menos espaço na mídia, vôlei de praia e ginástica – artística, rítmica e de trampolim. Esses dados mostram que pessoas que acompanham apenas um ou alguns esportes no seu dia-a-dia passam a assistir um leque muito maior de modalidades durante o período olímpico.

Leda Maria da Costa (2010) acredita que “o jornalismo de um modo geral é perpassado por estratégias narrativas muitas vezes usadas até mesmo para que o próprio profissional da área possa legitimar-se enquanto alguém com autoridade para interpretar e descrever a realidade.” (COSTA, 2010, p. 66). É função do jornalismo esportivo apresentar para o público, durante as transmissões, esses esportes menos conhecidos. Os jornalistas precisam explicar regras, lances e termos específicos da modalidade para quem os assiste. A linguagem empregada na cobertura, por isso, deve estar acessível a todos.

É preciso decodificar sempre. É verdade que uma parte do público não acompanha o esporte, mas quando há um grande acontecimento, passa a fazê-lo. Piadinhas à parte, ele tem o direito de entender o que se passa e para isso é necessário explicar técnicas, regras e termos usados na competição. Quantos sabem as regras do futebol americano, ou do golfe, ou do beisebol? É preciso conquistar audiência sempre, e uma das formas é com uma linguagem acessível aos “leigos”. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 57).

A linguagem utilizada pelos profissionais da imprensa esportiva depende de alguns fatores. O jornalista deve estar atento a eles e sempre levá-los em consideração no momento de

³ Levantamento realizado pela Kantar Ibope Media. Disponível em: www.kantaribopemedia.com/mais-de-63-milhoes-de-pessoas-assistiram-a-olimpiada-2016-pela-tv.

sua narrativa. Um deles é o papel que o profissional está desempenhando na cobertura. Narradores e comentaristas têm funções diferentes e falam ao público também de formas distintas. No caso do narrador, é necessário contar o que está acontecendo. Sua principal função é informar, sendo “importantíssimo que o narrador tenha conhecimento específico do que está narrando.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 67).

Ao comentarista, por outro lado, cabem as análises e interpretações do jogo. Para Barbeiro e Rangel (2006), o profissional é o responsável por explicar e permitir ao torcedor um entendimento mais aprofundado do esporte em questão. O desempenho dessa função requer do jornalista mais do que só o conhecimento sobre o esporte. Os autores afirmam que “o comentarista precisa ter conhecimento do assunto, experiência e a vivência no esporte.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 79).

Outro fator que interfere na linguagem utilizada pelo jornalista esportivo é o tipo de público que acompanha a cobertura. Algumas emissoras de TV fechada, por exemplo, se destacam por oferecer um conteúdo mais especializado sobre o esporte. Desse modo, o profissional precisa se adequar a situação e apresentar informações diferenciadas, além de um vocabulário com termos mais específicos, que se pressupõe que serão compreendidos sem maiores dificuldades pelos telespectadores. “Deve saber com clareza para quem está falando, para poder calibrar o nível técnico e o vocabulário que vai usar. Em um veículo aberto precisa ser mais didático, dinâmico e sintético.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 81).

2.5 ÍDOLOS COMO PERSONAGENS DAS NARRATIVAS

A carga emotiva presente no esporte auxilia também a criar exemplos a serem seguidos pela sociedade: os ídolos. Já era assim na Grécia antiga, berço dos Jogos Olímpicos. Os atletas das cidades-estado gregas se reuniam para competir e os vencedores recebiam uma coroa de louros, além de serem recepcionados como heróis quando voltavam para suas cidades de origem. Joseph Campbell (2005) afirma que as sociedades precisam de heróis em razão de sua necessidade de constelar algumas imagens suficientemente poderosas.

Relatos sobre heróis e seus feitos são comuns na história da humanidade. Campbell (2005) ressalta que as histórias variam de cultura para cultura e se desenvolvem com o passar do tempo: “Existe um herói típico das culturas arcaicas, que sai por aí matando monstros. É

uma forma de aventura do período pré-histórico, quando o homem estava moldando o seu mundo, a partir da selvageria perigosa...O herói evolui à medida que a cultura evolui.” (CAMPBELL, 2005, p. 144).

Na sociedade atual ainda existem heróis. São aquelas personalidades que ditam maneiras de viver, vestir, pensar e agir. Pessoas que são idolatradas como se fossem deuses. Edgar Morin (1997) chama esses indivíduos de olímpianos. Diferentemente dos heróis da antiguidade, os ídolos da contemporaneidade estão ao nosso alcance. Segundo o autor, essas figuras apresentam dois lados: um humano e mortal e outro sobre-humano e divino. A responsabilidade de criar e manter os olímpianos é, em grande parte, da mídia, que se utiliza do caráter humano dessas personagens para garantir a identificação dos seus admiradores.

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação. (MORIN, 1997, p. 106).

O culto aos olímpianos deriva do imaginário, dos papéis que essas personalidades assumem e da posição que ocupam na sociedade. Eles são consumidos pelo público. Ditam as normas de conduta a serem seguidas pelos seus súditos. São modelos de vida e auto realização.

Os olímpianos são astros do cinema, políticos de renome, esportistas famosos, entre outros. Como já descrito, a mídia influencia na construção dessas figuras. E a imprensa esportiva tem papel importante nesse processo. Primeiro pela linguagem utilizada pelos profissionais da área. “A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses.” (COELHO, 2004, p. 17). Outro aspecto que influencia na criação dessas personagens é apontado por Rangel (2013). A autora observa que a repetição constante do discurso e de imagens no jornalismo esportivo tem como finalidade a criação de ídolos do esporte. De tanto serem mostrados pela imprensa, alguns esportistas passam a fazer parte do imaginário social do público. Isso ocorre porque a identificação das pessoas com seus ídolos é fundamental para que determinado esporte, ou esportes, sejam aceitos e consumidos pela sociedade.

Os fenômenos de massa como os espetáculos de futebol, não conseguem se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, de “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. São figuras tão importantes que sempre estão presentes no olimpo do espetáculo esportivo, pode haver falta de público, mas não do ídolo e do herói. (RANGEL, 2013, p. 2).

Os ídolos são protagonistas das modalidades esportivas. A ausência deles é prejudicial ao espetáculo, já que cria desinteresse do público pelos eventos e, conseqüentemente, não gera lucro. Como imaginar uma Copa do Mundo de futebol disputada na atualidade sem craques como Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar? Um campeonato de basquete sem estrelas como Lebron James ou Stephen Curry? Ou ainda um mundial de atletismo sem a presença do fenômeno jamaicano Usain Bolt? São eles - esses olímpicos - que possibilitam o sucesso dos eventos esportivos, povoando o imaginário dos torcedores e permitindo que eles se emocionem.

O que ocorre atualmente é que essas personalidades ligadas ao esporte vêm se aventurando cada vez mais dentro do jornalismo esportivo, ocupando um novo espaço criado dentro deste mercado profissional. O resultado é uma reconfiguração da atuação da imprensa esportiva em razão do ingresso de ex-atletas na área. As empresas de comunicação apostam em figuras que possuem forte ligação com os esportes para trabalhar na cobertura dessas modalidades. Mas o perfil desses esportistas é bem definido. Os escolhidos para desempenhar a função são, na maioria das vezes, personagens importantes do esporte, famosos que foram elevados para o nível de ídolos pela própria mídia. Eles chegam às coberturas não só como comentaristas ou explicadores das modalidades apresentadas, mas como referências do esporte e idolatrados pelo grande público. Mesmo com a existência de jornalistas esportivos especializados nesta área de atuação, a figura dos ex-esportistas confere mais credibilidade e chama a atenção da audiência. Esses novos profissionais têm a função de decodificar o que acontece dentro do campo, quadra ou pista para o público leigo.

A grande quantidade de esportes existentes hoje, como já pontuado, impossibilita a cobertura adequada de todos eles pelos jornalistas esportivos. Além disso, o pequeno mercado existente para modalidades menos populares faz com que a imprensa esportiva abra mão das transmissões de muitas delas. Isso causa reflexos na formação dos jornalistas esportivos. No Brasil, quase todos buscam especialização para atuar no futebol, e as outras modalidades acabam esquecidas. Essa pode ser uma das explicações para que as emissoras recorram à contratação de ex-atletas e se utilizem deles em suas transmissões esportivas. Coelho (2004) defende que cada área do jornalismo esportivo deve possuir um especialista jornalista como comentarista, mas observa que “o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo e por vezes e tênis.” (COELHO, 2004, p. 37).

Se por um lado a utilização de ex-atletas nas coberturas jornalísticas esportivas ocupa o espaço aberto pela falta de jornalistas especializados, de outro falta a estes novos profissionais

o preparo para o exercício do jornalismo. Sem dúvida há exemplos de ex-esportistas que conseguem se adaptar e que possuem as características essenciais para participar de transmissões sem nada dever em relação aos jornalistas profissionais. Entretanto, alguns autores acreditam que apesar da importância das experiências trazidas por estes novos profissionais às coberturas esportivas, isso não é o suficiente.

É inegável que a voz do ex-atleta aumenta a credibilidade de uma transmissão, por se tratar justamente de alguém com vivências específicas, que faltam ao jornalista, quanto a campo de jogo e meandros do mercado futebolístico. Contudo, a autoridade do formador de opinião não se dá em casos pontuais como estes, mas sim na coerência do discurso, na contextualização da análise e na elucidação objetiva de questões, que o afastem do mero ‘palpiteiro’. Tais fatores consagraram o jornalismo opinativo que, de certa forma, propõe organizar o mundo e oferecer caminhos para as pessoas que se interessam por determinado tema. (BRITOS & ANDRADE, 2008).

Um exemplo da utilização de ex-atletas nas transmissões esportivas é a TV Globo em sua cobertura da Olimpíada Rio 2016. A emissora de televisão aberta reforçou sua equipe de comentaristas com diversas figuras marcantes do esporte brasileiro, formando o que a própria empresa de comunicação chamou de “*Time de Ouro*”. Doze ex-atletas participaram das transmissões.

A lista contou com Daiane dos Santos, atleta que fez história na ginástica artística brasileira em 2003 ao se tornar campeã mundial no solo, nos Estados Unidos, e apresentar ao mundo o *duplo twist carpado*, acrobacia que atingiu grau máximo de dificuldade. Emanuel Rego, medalhista de ouro, prata e bronze nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, Londres 2012 e Pequim 2008, respectivamente, no vôlei de praia. Fabiana Alvim de Oliveira, mais conhecida como Fabi, líbero da seleção brasileira de vôlei e medalhista de ouro na Olimpíada de Pequim 2008 e Londres 2012. Representando o judô, Flávio Canto, bronze nos Jogos de Pequim em 2008. Atualmente ele apresenta o programa Corujão do Esporte na TV Globo. Também fez parte da equipe montada pela empresa Gilberto Amauri de Godoy Filho, o Giba, medalha de ouro em Atenas 2004 e prata nos Jogos de Pequim e Londres no vôlei. O elenco de ex-esportistas seguiu com Gustavo Borges, quatro vezes medalhista olímpico na natação – prata em Barcelona 1992 e Atlanta 1996 e bronze também em Atlanta e em Sidney 2000. Gustavo Kuerten, o Guga, tricampeão de Roland Garros - um dos torneios de tênis mais importantes do mundo - em 1997, 2000 e 2001. Ainda foi primeiro do mundo no ranking de tenistas no ano 2000.

Outro grande nome do esporte nacional a participar das transmissões foi Hortência, conhecida como a rainha do basquete brasileiro. Ela faz parte do Hall da Fama do esporte desde

2002 e é a maior pontuadora da seleção brasileira feminina. Conquistou a medalha de prata nos Jogos de Atlanta 1996. Na vela, Lars Grael, duas vezes medalha de bronze na Olimpíada de Seul 1988 e Atlanta 1996. Ele perdeu a perna direita após um acidente com uma lancha em 1998. A cobertura ainda teve a presença de Maurren Maggi, medalhista de ouro no salto em distância em Pequim 2008. Esse foi o primeiro ouro do atletismo brasileiro. Pelo vôlei de praia os comentários ficaram à cargo de Shelda Bedê, duas vezes vencedora da medalha de prata na Olimpíada de Sidney 2000 e Atenas 2004. E por fim, Tande – Alexandre Ramos Samuel - campeão olímpico em Barcelona 1992 com a seleção brasileira de vôlei. Atualmente ele trabalha na TV Globo no programa Esporte Espetacular.

Também fizeram parte da cobertura dos Jogos do Rio de Janeiro dois atletas que ainda estão em atividade. Um deles o judoca Leandro Guilherme que entrou para a equipe de comentaristas da Globo após ficar de fora da disputa da Olimpíada. Na sua carreira, Guilherme possui dois bronzes, em Atenas 2004 e Pequim 2008. O outro esportista convidado pela empresa de comunicação representa o basquete. O pivô Tiago Splitter, um dos principais jogadores da seleção brasileira e único brasileiro a conquistar um título na liga de basquete dos Estados Unidos, a NBA, em 2014 pela equipe do *San Antonio Spurs*. Atualmente Splitter joga pelo *Atlanta Hawks*. Ele passou a integrar a equipe de comentaristas da Globo após ser cortado dos Jogos do Rio por causa de uma lesão.

3 COBERTURA RIO 2016

O objetivo do presente trabalho é analisar como os ex-atletas se inserem dentro das coberturas esportivas, em que momento são chamados a participar e como suas falas enriquecem as transmissões e reconfiguram a prática jornalística. Para tanto, foram escolhidas para análise, com base nas referências teóricas sobre o papel do jornalista, as coberturas dos jogos da seleção brasileira de vôlei e basquete pela TV Globo durante a Olimpíada do Rio de Janeiro. No total, foram dez partidas analisadas, sendo seis de vôlei e quatro de basquete, todas da seleção brasileira masculina durante sua campanha nos Jogos. A participação feminina ficou de fora em razão do menor número de jogos disputados e também transmitidos pela TV Globo nas duas modalidades. As partidas selecionadas foram gravadas e assistidas diversas vezes para análise.

Serão comparados os momentos de fala dos ex-atletas e dos jornalistas durante as transmissões, bem como a linguagem utilizada por cada profissional. Também o conteúdo dessas participações será avaliado, analisando-se o preparo e o conhecimento dos integrantes da cobertura. Tudo isso à luz dos autores já referenciados.

A escolha das modalidades – basquete e vôlei - levou em conta a equipe de comentaristas utilizados nas transmissões e o fato de se tratarem de esportes coletivos, o que facilitou as gravações das partidas, uma vez que as mesmas tinham horário definido para acontecer, diferentemente de outras modalidades nas quais as competições se estendiam por todo o dia. O futebol – esporte coletivo de maior audiência no Brasil – foi deixado de lado visto que os comentaristas das transmissões da emissora não se enquadravam no objetivo proposto nesse trabalho, ou seja, analisar como os ex-atletas se inserem dentro das coberturas esportivas.

Já a escolha pela cobertura televisiva da Globo dos Jogos Olímpicos se deu, como já referido, pela ampla utilização de figuras ligadas ao esporte nas transmissões. Além da emissora, o canal fechado SporTV, que pertence ao Grupo Globo, também fez uso de ex-atletas em sua cobertura olímpica. No entanto, o canal aberto foi escolhido tendo em vista a maior facilidade para gravação e análise das partidas, uma vez que a TV Globo realizou suas transmissões em apenas um canal contra 16 do SporTV.

Emissora oficial da Olimpíada do Rio de Janeiro, a Globo preparou uma grande cobertura com mais de mil horas de transmissão do evento esportivo em televisão aberta.

Montou, ainda, um grandioso estúdio de 500 metros quadrados dentro do parque olímpico, de onde foram apresentados diversos programas durante o período olímpico.

3.1 TV GLOBO

Após ser outorgada no governo do presidente Juscelino Kubitschek, a TV Globo foi fundada pelo empresário Roberto Marinho no dia 26 de abril de 1965, numa época em que a televisão estava começando a ser valorizada no Brasil através do desenvolvimento das telecomunicações implantado pelo governo militar pós-golpe de 1964 (MATTOS, 2010). Anos antes de fundar a emissora, Roberto Marinho havia assinado um contrato com o grupo *Time-Life*⁴ dos Estados Unidos. O caso se tornou o primeiro grande escândalo da Globo, devido ao financiamento estrangeiro a empresas de telecomunicações nacionais, proibido pela lei vigente na época. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) foi instaurada para analisar o caso, mas a situação foi regulamentada anos mais tarde e o caso esquecido.

O início da história da Rede Globo de Televisão está ligado à ditadura militar brasileira. Savenhago (2011) observa que “como o governo precisava de um canal de difusão de uma propaganda positiva do Brasil – suas belezas naturais e suas conquistas – abriu-se o campo para uma emissora poderosa.” (SAVENHAGO, 2011, p. 27). A empresa recebeu diversos incentivos, entre eles a maior fatia de publicidade do governo militar.

Ao longo de sua trajetória, a Globo conquistou a liderança isolada de audiência em âmbito nacional. Isso foi consequência dos investimentos feitos pela direção de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho e Walter Clark Bueno, no que foi chamado de Padrão Globo de Qualidade.

Atualmente, a Globo é formada por cinco emissoras de propriedade da família Marinho. São 118 afiliadas em todo o Brasil, e um sinal que chega a 5.490 cidades, o que representa 98% dos municípios brasileiros. De acordo com a própria empresa, ela conta com uma média de 170 milhões de telespectadores no país.

⁴ Grupo de mídia dos Estados Unidos que firmou um acordo com a Globo garantindo um capital de milhões de dólares para compra de equipamentos e construção da emissora em troca de uma participação nos lucros da empresa de comunicação.

3.2 JOGOS OLÍMPICOS

Os Jogos Olímpicos foram criados na Grécia antiga em 776 a.C. As competições eram realizadas na cidade de Olímpia e possuíam cunho religioso, além de representarem a busca pela harmonia entre as cidades-estado gregas e a valorização do corpo. Os atletas antigos disputavam modalidades como atletismo, luta, boxe, corrida de cavalo e pentatlo – composto por luta, corrida, salto em distância, arremesso de dardo e de disco. Os jogos da antiguidade pararam de ser realizados no século II a.C, quando o Império Romano tomou a Grécia.

Apenas no ano de 1896 é que os Jogos Olímpicos foram retomados. A primeira Olimpíada da era moderna foi realizada em Atenas, resgatando a tradição grega, por iniciativa do Barão de Coubertin. Participaram dessa edição dos Jogos 285 atletas de 13 países, disputando provas de atletismo, esgrima, luta livre, ginástica, halterofilismo, ciclismo, natação e tênis. Os vencedores foram premiados com medalhas de ouro e um ramo de oliveira.

De lá para cá o evento esportivo cresceu e atualmente é assistido por milhões de pessoas em todo o mundo. A Olimpíada é disputada a cada quatro anos em um país diferente e é realizada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). O objetivo do evento é promover o espírito olímpico, de união e paz entre os povos. A bandeira dos Jogos é formada por cinco anéis entrelaçados representando os cinco continentes e suas cores.

A Olimpíada Rio 2016 foi a primeira disputada na América do Sul. Os Jogos aconteceram de 5 a 21 de agosto na cidade do Rio de Janeiro. Foram 308 provas de 42 modalidades esportivas. No total, participaram do evento esportivo 11544 atletas de 208 países. Essa foi a primeira Olimpíada a contar também com uma delegação formada por esportistas refugiados.

3.3 BASQUETE

Foram analisadas quatro transmissões da TV Globo de jogos da seleção brasileira masculina de basquete na Olimpíada Rio 2016. No total, o Brasil realizou cinco partidas, mas uma delas, a vitória contra a Nigéria, não foi transmitida pela emissora. Os jogos analisados

foram as derrotas contra Lituânia, Croácia e Argentina, além da vitória diante da Espanha⁵. Na partida de estreia do Brasil, contra a Lituânia, a Globo transmitiu apenas parte do primeiro tempo do confronto, passando depois para cobertura da participação brasileira nas provas de ginástica artística. A seleção brasileira masculina de basquete encerrou sua participação na Olimpíada ainda na primeira fase, ficando na quinta - e penúltima - colocação do grupo B da competição.

As transmissões dos jogos de basquete da seleção brasileira foram conduzidas por três narradores diferentes. Na primeira partida a narração foi de Alex Escobar. Já na segunda ficou a cargo de Luis Roberto, enquanto nas outras duas Cléber Machado foi o responsável pela narração. Os comentários, por sua vez, foram sempre realizados pela dupla Hortência e Tiago Splitter.

3.3.1 BRASIL X LITUÂNIA

A análise da atuação da dupla de comentaristas utilizados pela Globo em sua cobertura da participação da seleção brasileira de basquete pode ser dividida levando-se em conta o narrador de cada partida. Na estreia do Brasil na Olimpíada, contra a Lituânia, o escolhido para realizar a narração do jogo foi Alex Escobar. O jornalista trabalha na empresa desde 2008, quando começou a atuar como comentarista de partidas de futebol do campeonato brasileiro. A partir de 2014 ele passou a narrar os jogos, deixando a função de comentarista. Escobar ainda apresentou programas esportivos da TV Globo, como Esporte Espetacular e Globo Esporte.

A transmissão da derrota do Brasil para a Lituânia, no dia 07/08, contou com pouca participação dos comentaristas da Globo. Foram apenas vinte minutos de acompanhamento da partida pela emissora, que em seguida passou a transmitir as provas de atletas brasileiros na ginástica artística. Nesse curto espaço de tempo a cobertura ficou centralizada na figura do narrador, que, além de narrar, trouxe informações sobre as equipes e um pouco sobre a história e dados de alguns jogadores. As participações dos comentaristas foram curtas e aconteceram apenas quando Alex Escobar chamava o restante da equipe para interagir. Mas já nessa primeira partida pôde-se perceber que enquanto as falas de Hortência eram predominantemente análises do jogo, com apontamentos sobre erros e soluções para a seleção brasileira, os comentários de

⁵ Brasil 76x82 Lituânia; Brasil 76x80 Croácia; Brasil 107x111 Argentina; Brasil 66x65 Espanha.

Splitter tinham um tom mais explicativo. O atleta buscava elucidar para o público as jogadas realizadas e as regras do esporte, como fica claro em sua participação após o narrador ficar em dúvida sobre um lance da partida e perguntar o que havia ocorrido. Splitter falou: “É, ele [jogador lituano] ficou cinco segundos sem se mexer e essa é uma infração. Então, bola para o Brasil.” (SPLITTER, 2016).

3.3.2 BRASIL X ESPANHA

A segunda partida da seleção masculina de basquete transmitida pela Globo contou com a narração de Luis Roberto, além, é claro, dos comentários da dupla Hortência e Tiago Splitter. Em comparação a Alex Escobar, Luis Roberto possui mais experiência na narração de eventos esportivos. Ele entrou na Globo em 1997 e além de experiências com o futebol, trabalhou também com outros esportes. O profissional viajou para Sidney na cobertura da Olimpíada de 2000 e participou ainda dos Jogos de Pequim, em 2008.

A transmissão da vitória brasileira diante da Espanha, no dia 09/08, contou com uma participação maior dos comentaristas. Talvez os próprios esportistas estivessem mais à vontade após a estreia deles nos comentários da primeira partida. Mas o modo como o narrador Luis Roberto conduziu a cobertura certamente possibilitou um dinamismo maior entre a equipe. Logo no primeiro minuto do jogo, o narrador acionou os comentaristas duas vezes cada. Ao longo da partida, Hortência e Splitter se revezaram nos comentários, inclusive complementando a fala um do outro. Em uma de suas intervenções, Splitter fez uma análise do momento brasileiro: “O Brasil ainda não se encontrou no ataque. Vamos tentar trabalhar a bola um pouquinho melhor e achar os nossos jogadores nos pontos fortes de cada um.” (SPLITTER, 2016). Em seguida Hortência completou: “Não podemos perder bolas também porque é muito precioso esse momento, ter a bola na sua mão. Se perder passe fica difícil.” (HORTÊNCIA, 2016). O fato se repetiu em outra oportunidade. O narrador perguntou aos comentaristas se o técnico espanhol deveria manter a marcação em zona da equipe. Splitter afirmou: “É difícil um técnico manter ela por muito tempo. Depende como o Brasil vai atacar ela. Até agora o Brasil atacou bem. A diferença é a Espanha estar rodando melhor no ataque agora. Defensivamente eles estão passando a bola muito bem.” (SPLITTER, 2016). Complementando a fala de seu colega de transmissão, Hortência disse: “Geralmente eles usam essa defesa para desestabilizar

um pouquinho o ataque do time adversário. Mas isso não aconteceu. O Brasil continuou jogando normal. Então, pode ser que ele venha com uma nova defesa agora.” (HORTÊNCIA, 2016).

O modelo de atuação adotado pelos comentaristas na primeira transmissão foi mantido. Splitter participou mais esclarecendo lances e regras para o público, e Hortência fez análises dos momentos do jogo. Em uma de suas falas, a comentarista elogiou o técnico brasileiro Rubén Magnano pela escalação que pôs na quadra.

Olha, o Magnano foi muito feliz na escolha desse quinteto. O Brasil está jogando muito bem, só está faltando acionar um pouquinho mais o Leandrinho. O Nenê está fazendo uma defesa muito importante. Está jogando bem na defesa e jogando bem no ataque. (HORTÊNCIA, 2016).

Hortência também criticou falhas dos jogadores brasileiros e apontou soluções: “Precisa consertar um pouquinho essa defesa que o Felício está fazendo em cima do Pau. Ele já ficou livre algumas vezes lá embaixo. Essa troca não está sendo muito bem feita.” (HORTÊNCIA, 2016).

Como se tratava de uma transmissão em televisão aberta de uma partida da Olimpíada – evento que conta com grande audiência – nem todos os telespectadores tinham domínio sobre as regras do basquete ou entendiam completamente a dinâmica do esporte. Nos comentários de Tiago Splitter fica clara a preocupação em explicar tudo o que estava ocorrendo para o público. Em um dos lances, por exemplo, Splitter esclarece a marcação do árbitro: “É uma infração. Ele [jogador brasileiro] acabou tocando com o pé. No basquete você não pode chutar a bola. A bola volta para a Espanha.” (SPLITTER, 2016). É possível identificar também a preocupação dele em ir além da explicação das regras, pontuando o que acontece em seguida para o público que não acompanha o esporte rotineiramente.

As participações constantes do atleta convidado pela Globo para comentar a partida tinham como objetivo também auxiliar o narrador do jogo. Luis Roberto, em um momento da transmissão, ficou em dúvida sobre qual jogador brasileiro teria cometido uma falta. Splitter interveio: “Do Guilherme. Ele estava com o Pau Gasol, que é muito mais alto do que ele. Até teve que fazer a falta. É lance livre para a Espanha agora.” (SPLITTER, 2016).

Em relação ao trabalho do narrador, destaca-se a tentativa de fazer mais compreensível aos telespectadores algumas falas dos comentaristas. É o que aconteceu quando o Brasil excedeu o limite de faltas no jogo contra a seleção espanhola. Tiago Splitter comentou a situação, explicando a regra. “O Brasil já chegou a cinco faltas então qualquer falta agora é

lance livre. Tem que ter cuidado para não dar cesta fácil para a Espanha.” (SPLITTER, 2016). Após a participação do comentarista, Luis Roberto complementou a explicação da seguinte forma: “Cinco faltas coletivas o Brasil já cometeu no tempo de jogo. A Espanha apenas duas. E a partir de então a Espanha passa a ter nas faltas marcadas os lances livres.” (LUIS ROBERTO, 2016). Percebe-se pelas falas de Luis Roberto que o narrador possui conhecimento sobre o esporte que estava narrando. No entanto, durante a transmissão, o narrador acabou cometendo um erro ao usar um termo específico da linguagem do basquete, sem traduzi-lo para o público. “Segunda falta do Nenê. É mesmo, é aquele juiz que reclamou é falta e se bobear ele dá técnica.”⁶ (LUIS ROBERTO, 2016).

Na transmissão de Brasil e Espanha, os comentaristas lançaram mão de suas vivências no esporte para enriquecer suas participações na cobertura. A rainha Hortência, como é conhecida por sua importância dentro do basquete, trouxe sua experiência adquirida dentro das quadras para a cabine de transmissão ao comentar um lance no qual os jogadores brasileiros reclamaram de uma marcação de falta a favor do time espanhol. “Dar uma reclamada às vezes faz parte também do jogo. Mesmo que tenha sido falta, reclamar faz parte também.” (HORTÊNCIA, 2016). Esse tipo de fala, vinda de uma protagonista do esporte, confere maior credibilidade aos comentários da transmissão esportiva. Outro fator que enriquece as participações dos comentaristas é o conhecimento aprofundado no tema em questão. Para Alcoba (2005) é preciso que eles “*dominen sus reglas, conozcan a los deportistas, posean estadísticas fiables de última hora, la historia del deporte que se juzga y un amplio anecdotario.*” (ALCOBA, 2005, p. 175). Isso foi demonstrado por Tiago Splitter em seu comentário sobre o jogador espanhol que tinha acabado de empatar a partida com uma difícil bola de três no último quarto do jogo. “O Llull que é um jogador que gosta desses momentos decisivos. Ele com o Real Madrid sempre define os finais de jogos lá na Espanha. Então, tem que tomar cuidado com ele.” (SPLITTER, 2016).

O confronto contra a Espanha apresentou um fator emocional muito grande. E isso foi verificado também na cobertura da partida. A seleção espanhola chegou ao Rio de Janeiro como uma das mais fortes da competição, e a vitória brasileira foi um momento histórico para o basquete nacional. Ao longo de toda a transmissão, os comentaristas e o narrador comemoraram lances favoráveis ao Brasil. Após uma bola de três do jogador Leandro, por exemplo, Tiago Splitter vibrou: “Estava faltando ele, o Leandro. Vamo, vamo!” (SPLITTER, 2016). Nos

⁶ Falta Técnica: é marcada quando o jogador discute com o árbitro da partida ou apresenta conduta antidesportiva. A penalidade para esse tipo de falta são dois lances livres para o adversário e a posse de bola.

momentos finais da partida ainda mais emoção nos comentários. Faltando apenas cinco segundos para o fim do jogo, Marquinhos acertou uma cesta de dois pontos e colocou o Brasil a frente no placar. Splitter tentou se conter e passar informação na sua fala. “É uma defesa só. O Brasil precisa defender uma posse de bola.” (SPLITTER, 2016). Já Hortência não disfarçou sua torcida: “Sem fazer falta, pelo amor de Deus!” (HORTÊNCIA, 2016).

3.3.3 BRASIL X CROÁCIA

Nas duas transmissões seguintes o escolhido para narrar foi Cléber Machado, acompanhado pela dupla de comentaristas na cobertura dos jogos. Na Globo desde 1988, o narrador começou a narrar partidas de futebol um ano depois, em 1989. O profissional ainda participou de coberturas de outros esportes, integrando a equipe da emissora em várias edições dos Jogos Olímpicos. Cléber Machado é um dos narradores da Globo da Fórmula 1 e também tem em seu currículo transmissões de lutas do MMA - *mixed martial arts*.

O trabalho de Cléber Machado na narração da derrota brasileira para Croácia, transmitida no dia 11/08, destacou-se em relação às participações anteriores – de Alex Escobar e Luis Roberto - pelo conhecimento e pelas explicações quase didáticas realizadas pelo profissional durante a cobertura esportiva. Diferentemente dos outros narradores, que se detinham a explicações de lances e regras mais importantes da modalidade, Cléber Machado buscava detalhar o esporte de maneira mais ampla. Logo no início da partida, o narrador explicou que um jogo de basquete é disputado em quatro quartos de dez minutos cada. Ao longo da transmissão foram várias falas com o objetivo de elucidar os lances do jogo. Em um deles, o narrador explicou quando há marcação de falta e validação dos pontos na mesma cesta: “Quando um jogador está na ação do arremesso e é tocado, e consegue largar a bola quase assim ao mesmo tempo que ele é tocado, um pouco antes, o juiz valida os pontos e ainda dá o arremesso de bonificação.” (MACHADO, 2016).

O conhecimento do esporte foi demonstrado com propriedade pelo narrador durante a transmissão. Além disso, a informação também esteve sempre presente, como nessa intervenção do jornalista:

O Brasil está com o Marcelinho Huertas, com o Alex, com o Giovannoni, com o Leandrino e com o Augusto. Praticamente o Augusto está sendo o pivô de força do Brasil. É para dar velocidade, agilidade ao time. E uma marcação boa. O Guilherme [Giovannoni] e o Augusto fazem o trabalho lá embaixo no garrafão brasileiro. (MACHADO, 2016).

O narrador ainda se utilizou de comparações com o futebol para obter maior êxito em suas explicações. Isso ocorreu, por exemplo, quando Cléber Machado falou sobre assistências. “A gente no futebol... eu pelo menos posso narrar que o cara deu o passe para o gol. A assistência no basquete é essa bola do Marquinhos. Quando ele dá o passe para o companheiro e o companheiro faz a cesta.” (MACHADO, 2016). Após a fala, Hortência também abordou o assunto. “É que a gente costuma dar muito valor para quem faz a cesta. É o cestinha da equipe. Mas no basquete mesmo, o cara que dá a assistência para você fazer a cesta tem uma importância muito grande.” (HORTÊNCIA, 2016).

O domínio da transmissão claramente esteve com o narrador da partida. Além do uso de uma linguagem simples e acessível para o público e falas recheadas de conhecimento e informação, o jornalista buscou sempre a participação de seus comentaristas para enriquecer a cobertura. Os autores Barbeiro e Rangel (2006) defendem que o narrador faça mais do que apenas relatar os acontecimentos esportivos, desempenhando o papel de âncora e comandando a transmissão. Cléber Machado cumpriu a função.

O âncora na transmissão esportiva é o condutor da reportagem que tem a finalidade de levar ao telespectador/ouvinte um evento esportivo. Ele é o responsável pela maioria das intervenções e a cara da reportagem. É ele que movimenta e dá ritmo à transmissão. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 75).

Em comparação com a partida anterior, narrada por Luis Roberto, na qual as participações dos comentaristas Hortência e Tiago Splitter aconteciam de forma espontânea, com as falas às vezes atropelando umas às outras, Cléber Machado pareceu reger os comentaristas, sempre questionando eles sobre os acontecimentos do jogo. Esse fato ficou evidente em alguns momentos da cobertura. No intervalo, o narrador pediu aos comentaristas que explicassem como funciona uma das jogadas mais tradicionais do basquete, o arremesso após bloqueio, quando o jogador aparece livre de marcação para pontuar. Em outra oportunidade, o jornalista perguntou aos seus comentaristas quando um bloqueio pode ser considerado faltoso pelo árbitro. Splitter iniciou a explicação. “Você tem que estar parado sem mexer, entendeu? Você para os dois pés com a mão perto do seu corpo.” (SPLITTER, 2016). Hortência resumiu: “Quem ocupar primeiro o espaço leva a vantagem.” (HORTÊNCIA, 2016).

Como já referido, as vivências no esporte trazidas à transmissão pelos comentaristas ajudam a aumentar a credibilidade do público no profissional da imprensa. O narrador explorou as experiências de Hortência e Splitter na cobertura para abordar situações ocorridas na partida.

Durante um período de domínio do jogo e de seguidas bolas de três da seleção croata, Cléber Machado trouxe à discussão as formas de marcação desse tipo de jogada. Tiago Splitter comentou: “Você tem que sair colado no bloqueio, realmente chegar perto, não dar espaço para o jogador ter esse arremesso cômodo.” (SPLITTER, 2016). O mesmo questionamento foi feito para Hortência, que disse:

Você tem que estar junto, tem que marcar muito em cima. Agora, tem que ter uma ajuda também, porque quando você marca o jogador muito próximo você corre o risco de ser batido para dentro e aí você tem que ter ajuda. No caso da Croácia, nós não estamos vendo muito essa infiltração do jogador, então você pode se aproximar mais. (HORTÊNCIA, 2016).

Tiago Splitter é um dos jogadores mais importantes da seleção brasileira na atualidade e conhece os atletas brasileiros. Essa intimidade foi aproveitada pelo comentarista da partida quando ele se referiu a marcação forte realizada por Alex. “O Alex que é conhecido com bravo entre nós. É de uma agressividade, de uma raiva.” (SPLITTER, 2016). No entanto, esse conhecimento aprofundado às vezes pode ser prejudicial. Na maioria de suas participações, a dupla de comentaristas se preocupou em utilizar uma linguagem adequada ao público, sem o uso de termos específicos do esporte e de difícil compreensão do telespectador. Mas em alguns momentos da cobertura isso acabou sendo esquecido. Em um dos casos, Tiago Splitter realizou uma análise da seleção da Croácia, fazendo uso de um termo conhecido apenas por quem tem proximidade com o basquete: “Eles vêm muito bem da repescagem. Eles estão juntos há mais de dois meses treinando, se prepararam. O Dario Saric foi o MVP⁷ da repescagem para classificar aqui para a Rio 2016.” (SPLITTER, 2016). O termo não foi explicado após a fala.

3.3.4 BRASIL X ARGENTINA

O narrador Cléber Machado foi mantido na função para a transmissão do jogo contra a Argentina, que aconteceu no dia 13/08. A partida, desde o sorteio dos grupos da competição, era considerada a mais importante da primeira fase para a seleção brasileira. Assim como no futebol, Brasil e Argentina é um clássico do basquete. A rivalidade foi potencializada nos

⁷ MVP (*Most Valuable Player*) é um termo utilizado para definir o melhor jogador de uma competição.

últimos anos com importantes vitórias da seleção brasileira, como no mundial de basquete em 2014⁸.

O modelo de transmissão adotado na cobertura da derrota do Brasil para a Argentina foi muito parecido ao da partida contra a Croácia, também narrada por Cléber Machado. A principal diferença foi em termos de emoção. Como a partida era decisiva para a permanência do Brasil na competição, os comentaristas e o próprio narrador vibraram demais a cada lance favorável à seleção brasileira. A atmosfera no estádio também contribuiu para que isso acontecesse. Em um dos momentos de maior tensão na transmissão, com vantagem mínima do Brasil no placar, o narrador descreveu o clima das torcidas. “O canto é em duas línguas. Argentinos e brasileiros vibrando pra valer aqui na Arena.” (MACHADO, 2016). A emoção foi tema também de análise dos comentaristas, o que não havia acontecido com tanta frequência nas transmissões anteriores. Hortência explicou que o fator emocional é importante no esporte e que pode influenciar no resultado final da partida.

Esse quarto vai ser eletrizante e quem tiver o melhor equilíbrio emocional... porque isso mexe com o jogador. Ter uma leitura de jogo melhor, trabalhar um pouquinho mais o jogo, mas também atacar, jogar forte, jogar em cima, velocidade do Brasil que é o que a gente sabe fazer de melhor. (HORTÊNCIA, 2016).

Como era a natural, a tensão foi sentida pelos atletas na quadra e o narrador descreveu o sentimento dos jogadores em algumas situações que poderiam passar despercebidas pelo público leigo no esporte. “Você vê que toda hora o jogador, para quem não é muito de ver jogo de basquete, toda hora o cara dá uma olhadinha para cima. Tá olhando o cronômetro, que está em cima da quadra, no alto da quadra, marcando o tempo.” (MACHADO, 2016). Percebe-se que o jornalista procurou descrever fatos que vão além daqueles mostrados pelas câmeras na transmissão. A atitude foi ao encontro do que é esperado de um narrador. O profissional “deve estar sempre atento ao que está sendo mostrado ao telespectador e o que se passa no campo, fora do foco das câmeras.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 70).

A transmissão foi a mais longa realizada pela TV Globo nos jogos de basquete do Brasil na Rio 2016. A partida foi duas vezes para a prorrogação. Tiago Splitter, em um de seus comentários, falou sobre o desgaste físico dos atletas em jogos como esse.

O físico começa a gastar. Os jogadores começam a ficar cansados. As decisões quando o corpo está cansado já não são as melhores. Então, realmente muita inteligência

8 Vitória brasileira por 85 a 65 nas oitavas de final eliminou a equipe argentina da competição, disputada na Espanha.

emocional nesse momento e o físico dos jogadores. Vamos ver como estão nossos jogadores para acabar esse jogo. (SPLITTER, 2016).

Pelo desenho do jogo, com duas prorrogações e mais tempo de cobertura, alguns outros detalhes que compõe uma partida de basquete também foram tema de análise pelos comentaristas. Um deles foi a configuração final da partida, quando faltavam 22 segundos para o jogo acabar e o Brasil vencia por apenas um ponto. O narrador aproveitou um pedido de tempo para questionar Splitter sobre o que poderia acontecer com tão pouco tempo no relógio. A resposta do comentarista foi: “Agora o Brasil vai gastar o tempo no ataque, mas a Argentina vai ter que fazer uma falta para jogar o Brasil para o lance livre. Porque senão o Brasil só gasta o tempo e acaba o jogo.” (SPLITTER, 2016). Foi exatamente o que aconteceu, e a partida foi para a prorrogação.

Tiago Splitter já atuou diversas vezes contra a Argentina. Além disso, como joga no basquete norte americano, o atleta convive com alguns jogadores da seleção rival. Por isso, durante a partida ele aproveitou para trazer experiências antigas de confrontos contra os vizinhos argentinos.

A gente no pré-olímpico, em Las Vegas, estava ganhando de dez [pontos] e a Argentina acabou virando. Depois a gente conversou isso no mundial contra a Argentina, ganhando também o primeiro tempo de dez e acabamos ganhando de vinte. O time sabe o que tem que fazer. (SPLITTER, 2016).

O comentarista Tiago Splitter embasou suas análises sobre a seleção brasileira em seu conhecimento adquirido dentro de quadra com os companheiros de equipe. Ele apontou as limitações e dificuldades dos jogadores brasileiros em marcar as bolas de três da Argentina, ponto forte da seleção rival.

Com relação a Argentina, eles têm dois pivôs, os jogadores que geralmente jogam debaixo do aro. Eles abrem muito para chutar de três, que é o Nocioni e o Scola, que meteu agora essa bola. Então, é um pouco incômodo para os pivôs do Brasil defender eles lá fora. Eles não estão acostumados a defender jogadores na linha de três. (SPLITTER, 2016).

Já Hortência manteve nesse jogo a forma de participação adotada nas demais transmissões, intervindo com comentários mais ligados a análises de momentos da partida e algumas explicações de regras. No geral, ela participou menos das transmissões do que Tiago Splitter, mas ambos tiveram papel importante nas coberturas, sempre preocupados em

apresentar os detalhes do esporte ao público e de uma maneira simples e objetiva, facilitando a compreensão de todos que assistiam.

3.4 VÔLEI

Na participação que rendeu medalha de ouro para a seleção brasileira masculina de vôlei na Olimpíada Rio 2016 foram analisadas as transmissões da TV Globo de seis das oito partidas realizadas pelo Brasil. Dois jogos da primeira fase da competição – vitória contra o Canadá e derrota para Itália - não foram transmitidos pela emissora. As partidas analisadas foram a derrota contra os Estados Unidos e as vitórias diante de México, França, Argentina, Rússia e Itália⁹ – este último confronto válido pela medalha de ouro.

Diferentemente da cobertura do basquete, apenas um narrador participou das transmissões do vôlei. Luis Roberto narrou todas as partidas exibidas. O narrador possui vasta experiência na modalidade, tendo em seu currículo transmissões de diversas competições da modalidade pela Globo, como a Liga Mundial, o Grand Prix e a Superliga de vôlei.

Na cobertura da TV Globo da seleção brasileira de vôlei, Luis Roberto foi acompanhado pelos comentaristas Tande e Giba. Na reta final da competição, Fabi também passou a participar das transmissões. Ela fazia parte, junto com Tande, da equipe de comentaristas da seleção feminina de vôlei, mas como o Brasil acabou sendo eliminado precocemente da competição, Fabi foi aproveitada na cobertura da seleção masculina.

Além do narrador e dos comentaristas, um repórter de quadra também foi utilizado durante a cobertura dos jogos. Marcelo Courrege participa há anos das transmissões da modalidade pela Globo e foi escolhido para integrar a equipe da emissora nos Jogos Olímpicos do Rio. Além de realizar entrevistas com os jogadores no final das partidas, Courrege também trouxe diversas informações durante as transmissões.

3.4.1 BRASIL X MÉXICO

⁹ Brasil 1x3 Estados Unidos; Brasil 3x1 México; Brasil 3x1 França; Brasil 3x1 Argentina; Brasil 3x0 Rússia; Brasil 3x0 Itália.

A primeira partida da seleção brasileira masculina de vôlei na Olimpíada Rio 2016 foi contra o México. O jogo foi transmitido pela Globo no dia 07/08. A cobertura da emissora foi bastante dinâmica e contou com grande participação dos comentaristas. Logo nessa primeira transmissão, foi possível perceber uma diferença em relação à cobertura do basquete. As participações de Tande e Giba foram mais longas e mais frequentes do que as da dupla de comentaristas da outra modalidade esportiva – Hortência e Splitter.

Campeão olímpico em Barcelona, 1992, Tande entrou na Rede Globo em 2005. Ele apresentou os programas Corujão do Esporte e Esporte Espetacular. Atualmente, além de comentarista da emissora, é repórter especial do Esporte Espetacular. Em função dessa trajetória dentro do mundo do jornalismo, a participação de Tande nas transmissões foi diferenciada em comparação a dos outros ex-atletas analisados. Na partida contra o México, por exemplo, Tande demonstrou sua percepção de jornalista ao comentar algo que não fazia parte do jogo em si, comparando a transmissão olímpica com as que normalmente participa pela Globo. “Acho que também é importante, Luis, a gente falar para o nosso grande telespectador que está acostumado com as nossas transmissões da Rede Globo - que é considerada a melhor do mundo - que aqui a gente não tem muitos replays.” (TANDE, 2016). Na sequência o narrador Luis Roberto confirmou e explicou a situação: “A geração das competições da Olimpíada é feita por uma empresa do Comitê Olímpico Internacional que gera as imagens. Então, aquela transmissão habitual que você curte na TV Globo é um pouco diferente agora nos Jogos Olímpicos.” (LUIS ROBERTO, 2016).

Tande ainda mostrou que tinha noção de que nem todos os telespectadores da emissora que acompanharam a cobertura do vôlei eram conhecedores do esporte. Em um desses momentos, o comentarista explicou as regras do desafio¹⁰, relativamente novo na modalidade. “Luis, é legal explicar também para o público, lembrando o pessoal que está acostumado já com o vôlei, mas para o pessoal que está acompanhando o vôlei exatamente na Olimpíada. Tem apenas dois desafios por set.” (TANDE, 2016). O narrador, por sua vez, complementou a fala da seguinte forma: “É, cada seleção tem dois desafios por set. Por exemplo, se houvesse o toque agora o Bernardinho [técnico da seleção brasileira] continuaria tendo dois desafios. Agora ele só tem mais um nesse set.” (LUIS ROBERTO, 2016).

¹⁰ A tecnologia do desafio foi utilizada pela primeira vez no voleibol em 2012 em competição realizada na Polônia.

As participações de Tande foram mais frequentes do que as do companheiro de comentários. O conhecimento aprofundado do comentarista foi bastante utilizado em suas falas. Em determinado momento do jogo, Tande citou os integrantes da equipe técnica brasileira que haviam acabado de aparecer nas imagens. Entretanto, essa experiência trazida à transmissão também pode ser prejudicial. Isso ocorreu quando Tande usou o termo tempo esquerda, específico da modalidade, sem explicar o que significava para o público. “O Bruninho conseguiu acelerar essa bola tempo esquerda junto com o Lucão. Uma velocidade absurda que não dá tempo nem para o bloqueio adversário se posicionar para bloquear.” (TANDE, 2016).

Outra função exercida por Tande na cobertura foi a de auxiliar o narrador. O comentarista a todo momento intervinha explicando marcações do árbitro da partida. Em um dos casos, Luis Roberto falou que havia sido pedido um tempo técnico pois havia sido marcado o oitavo ponto. Tande, então, o corrigiu: “Não, não tem. Olimpíada não tem tempo técnico. No oitavo e no décimo sexto [ponto] não tem tempo técnico.” (TANDE, 2016).

Assim como nas transmissões do basquete, a dupla de comentaristas do vôlei foi chamada pelo narrador a realizar análises de lances e momentos da partida. Tande demonstrou mais uma vez seu conhecimento e experiência na quadra ao aconselhar o jogador Bruninho após uma substituição no time mexicano. “E aí, Luis, é importante que o Bruninho sinta a estatura de 1 metro e 86 desse ponteiro, do Ruiz, e jogar a bola para cima dele no ataque brasileiro.” (TANDE, 2016). O comentarista ainda observou a importância do fundamento do saque para vencer o México, considerado um dos times mais fracos do grupo brasileiro. “Contra um time mais fraco, para intimidar esse time é importante o saque ser forçado. É o que está fazendo no segundo set agora o Brasil.” (TANDE, 2016).

Já os comentários de Giba, apesar de não terem sido tão frequentes, foram também importantes para a transmissão. O comentarista se focou mais em análises. Logo na sua primeira participação na partida, ele chamou a atenção para o jogador mexicano Samuel Cordova. “É um nome muito importante. Ele ataca muito e bloqueia. Deu para ver no primeiro ponto ele indo com tudo no Lucão, conseguindo fazer o primeiro ponto para o México.” (GIBA, 2016).

O comentarista também se ateu a alguns fundamentos do esporte. Giba explicou a importância da recepção para o público de casa. “Tudo fica mais fácil, né Luis, quando a recepção chega na mão do levantador ali. O Bruninho vai lá em cima com o braço esticado. Isso é muito importante para o Brasil, essa recepção para o Bruninho poder distribuir o jogo.” (GIBA, 2016).

A participação em sequência dos comentaristas e do narrador foi bastante positiva, pois conferiu dinamismo a cobertura. “A dinâmica é um elemento fundamental na transmissão, é o fio condutor do que acontece na reportagem esportiva, e ajuda a prender a atenção do ouvinte e do telespectador.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 67). Esse dinamismo ficou evidenciado em uma nova participação de Giba, na qual ele explicou o sistema tático da seleção brasileira. “Só completando Luís. Você estava falando da inversão do cinco e um. O oposto é sempre mais alto. O levantador quando chega na rede, o Bernardo faz essa inversão para ficar com um bloqueio mais pesado e tentar fazer um ponto de bloqueio ou de defesa.” (GIBA, 2016). Luis Roberto completou: “E aí bota o levantador no fundo para o time não ficar sem levantador. Por isso é que se chama de inversão do cinco e um, que é o sistema tático né.” (LUIS ROBERTO, 2016). Também as participações do repórter Marcelo Courrage foram importantes nesse sentido, sempre dando ritmo e trazendo muita informação à cobertura.

3.4.2 BRASIL X ESTADOS UNIDOS

A segunda partida do Brasil na competição a ser transmitida pela TV Globo foi no dia 11/08, contra os Estados Unidos. A seleção brasileira acabou derrotada no confronto, um dos mais esperados da Olimpíada. Assim como no primeiro jogo, Tande foi mais participativo do que Giba.

Na transmissão, os comentaristas se preocuparam em explicar para os telespectadores as regras do esporte, de maneira simples e clara. “Para o pessoal de casa entender. Na invasão você tem que colocar o pé inteiro do outro lado da quadra.” (GIBA, 2016). Em outra oportunidade foi a vez de Tande elucidar a marcação do árbitro. “Essa é uma regra também no voleibol. Hoje em dia você não pode segurar a bola, na minha época poderia. Você não pode segurar a bola, você tem que atacar do jeito que estiver. A bola ficou um pouco na frente e ele acabou pisando na quadra.” (TANDE, 2016).

A cobertura da Globo do jogo contra os Estados Unidos foi mais um exemplo de como as experiências dos comentaristas ex-atletas podem contribuir na apresentação do esporte para o público de casa. A demonstração de conhecimento é importante já que “o torcedor espera que o comentarista conheça com profundidade e qualquer deslize sobre isso é uma ameaça a sua credibilidade.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 79). Em uma de suas falas, Tande trouxe

sua vivência para a transmissão após um pedido de desafio. Afirmou que os técnicos levam muito em conta o que os jogadores falam para eles antes de desafiar uma marcação do árbitro. “Geralmente o jogador escuta. Logo depois vai falar com o Bernardinho, achei que bateu. Você acaba escutando.” (TANDE, 2016). Em outro momento da partida, quase no fim do segundo set e com vantagem mínima brasileira no placar, Tande analisou o pedido de um jogador do Brasil para rever seu posicionamento na rotação da equipe. “O William pedindo para ver, rever o posicionamento dele. É bom para dar uma parada também, dar uma esfriada no saque.” (TANDE, 2016).

Além das experiências pessoais, a informação também é muito importante para a transmissão esportiva. O narrador Luis Roberto demonstrou muito conhecimento no assunto durante sua narração, como, por exemplo, quando explicou o porquê de as imagens do desafio serem em preto e branco. “Lembrando sempre que o desafio tem imagens em preto e branco porque ele aumenta o número de fotografias para você tirar a dúvida com mais precisão.” (LUIS ROBERTO, 2016). O narrador também mostrou seu conhecimento sobre a sistemática do jogo após o narrador americano pedir um desafio quase no fim do set: “O treinador sabe que tem dois [desafios] ainda. Com 18 a 15, vai arriscar e pedir o desafio.” (LUIS ROBERTO, 2016).

Luis Roberto era responsável por contextualizar as partidas transmitidas. Após duas derrotas nos dois primeiros confrontos, o jogo contra o Brasil era decisivo para que os Estados Unidos seguissem com chances de avançar para a próxima fase da competição. O narrador citou os componentes emocionais envolvidos na partida, descrevendo o ambiente no ginásio:

Bom, aqui é jogo de arrepiar. Os Estados Unidos venceram o primeiro set. O time dos Estados Unidos está mexido com essa história do nacionalismo, da pressão que se colocou em cima dos jogadores. Tem um lado do encaixe. O time americano encaixa quando joga com o Brasil. São vários os componentes que fazem desse jogo talvez o grande jogo do voleibol mundial da atualidade. (LUIS ROBERTO, 2016).

Outra função do narrador da partida era a de dar fluidez a transmissão, chamando os comentaristas para a cobertura. Luis Roberto aproveitava os momentos do jogo para acionar sua equipe. Em um desses casos, ele questionou Giba sobre o que Bernardinho teria dito aos jogadores brasileiros após um pedido de tempo. A resposta do comentarista veio com uma análise: “O time dos Estados Unidos entra com um bloqueio muito pesado. Eles seguem muito bem a tática. E o Bernardo cobrou o Evandro a não colocar essa bola na quadra, atacar para cima que vai explorar o bloqueio americano.” (GIBA, 2016).

Algumas explicações foram recorrentes durante todas as partidas transmitidas. Foi o caso da ausência de tempos técnicos automáticos em meio aos jogos. A regra faz parte do voleibol, mas não se aplica na Olimpíada. Giba trouxe essa informação em todos os jogos, demonstrando a percepção de que os telespectadores não são necessariamente os mesmos em cada transmissão. No jogo contra os Estados Unidos o comentarista disse: “Só lembrando, né Luis, que agora não existe mais os dois tempos técnicos, nem no oito, nem no dezesseis, devido a ter agora o desafio. Então a federação internacional acabou tirando esses dois tempos, só para o pessoal de casa entender.” (GIBA, 2016).

3.4.3 BRASIL X FRANÇA

O jogo contra a França, disputado no dia 15/08, era decisivo para o Brasil. Uma derrota significaria a eliminação na primeira da fase de uma Olimpíada disputada em casa. O clima de tensão estava presente no ginásio e também na transmissão, através das falas iniciais dos comentaristas. Em sua primeira participação Tande foi categórico: “A gente tem uma final olímpica aqui, quem diria. Dois dos grandes favoritos, um indo para casa já na primeira fase. Importante para o Brasil aproveitar essa torcida maravilhosa.” (TANDE, 2016). Já Giba falou sobre o time francês e pediu paciência para a seleção brasileira vencer a partida.

O Brasil tem que ter principalmente uma coisa: sacar muito bem. E ter paciência. O time da França é um time que defende muito, além de ter dois jogadores que estão atacando muito bem, que é oposto Rouzier e o Ngapeth que a gente já viu na Liga Mundial do ano passado. Mas o Brasil tem que ter paciência para botar a bola no chão, devido ao grande volume do time da França. (GIBA, 2016).

Essa partida representou não só um divisor de águas na campanha da seleção brasileira - que após a vitória passou a aproveitar o apoio de sua torcida e a jogar melhor na competição - mas também nas transmissões dos jogos. A partir do jogo contra a França, os comentaristas passaram a dar menos espaço a explicações sobre lances e regras, e a dispensar mais tempo da cobertura para outras situações presentes numa partida de voleibol. Mas as explicações não cessaram completamente, como pode-se perceber nas falas da dupla Tande e Giba: “Tempo atrás é o nome dessa jogada. Ele [Le Roux] vem atrás do levantador. Olha só a altura que ele vai buscar a bola. É um jogador eficiente, um central que a gente tem que ficar muito ligado. Um jogador muito perigoso.” (TANDE, 2016). Em outro exemplo, Giba explicou um termo que foi utilizado diversas vezes por ele nas transmissões. “Como eu falei, ele [Rouzier] está

jogando na maior distância. Só para o pessoal de casa entender o que é maior distância. Quando ele chama o central perto dele, ele joga na ponta, que é a maior distância, ou ele joga longe para jogar para o oposto.” (GIBA, 2016). Alcoba (2005), reconhece a importância desse tipo de participação: *“El conocimiento del lenguaje desportivo y su modo de empleo es una asignatura fundamental para cualquier periodista desportivo e imprescindible para los especialistas en determinados deportes.”* (ALCOBA, 2005, p. 114).

Pela primeira vez durante as transmissões, Tande trouxe números e estatísticas do jogo para embasar seu comentário sobre o mau momento do Brasil. “No primeiro set, as duas equipes tiveram mais ou menos parecido o percentual, 43,75% de ataque para o Brasil, 40,91 para a França. Agora, 50% a França, o Brasil apenas 16,67.” (TANDE, 2016).

Os comentários de Tande continuaram repletos de informação e demonstrando seu enorme conhecimento da modalidade. O ex-atleta contextualizou a situação das equipes em um momento de muita tensão no jogo, com o placar empatado no primeiro set. “E essas duas equipes se conhecem tanto. Para você ter ideia, o Ngapeth jogou esse ano junto com o Lucão e o Bruninho na equipe do Modena, na Itália. Então, realmente, ainda tem esse atrativo a mais. O conhecimento de ambas as equipes.” (TANDE, 2016). Após o principal jogador da França mostrar muita habilidade e marcar mais um ponto, o comentarista falou sobre o atleta: “Esse ataque que deu o Ngapeth, olha só. É característica dele. Ele deixa a bola passar e bate quase de costas. Porque ele espera o bloqueio começar a cair, é o tempo suficiente, e acaba explorando. Ele faz o tempo inteiro isso.” (TANDE, 2016).

Nos lances finais do jogo, a emoção tomou conta da equipe da Globo. Tande não escondeu sua empolgação e incentivou a seleção brasileira: “Boa, Serginho! Serginho chamando a torcida. Esse é o seu papel. Quarenta anos, lidera a equipe!” (TANDE, 2016).

3.4.4 BRASIL X ARGENTINA

Após a emocionante classificação brasileira para fase seguinte da competição, a TV Globo transmitiu todas as partidas da seleção até o final da Olimpíada. Nas quartas de final o adversário foi a Argentina. O jogo foi transmitido no dia 17/08, e a cobertura manteve a mesma configuração dos primeiros jogos, com o narrador, os dois comentaristas e o repórter de quadra.

O jogo contra a Argentina foi marcado por lesões de jogadores e, mais do que nunca, os comentaristas trouxeram à transmissão suas experiências vividas na época em que eram atletas. No lado brasileiro, dois jogadores se machucaram durante a partida. Lucarelli sofreu uma lesão na coxa direita. Apesar da dor, ele retornou à quadra. Ao comentar essa situação, Giba observou que mesmo com as dores é possível se manter jogando. “Voltar para quadra numa hora dessa é realmente muito difícil. Ele [Lucarelli] vai testar de tudo, ver como a coxa vai ficar. Não vai entrar 100%, mas conforme ele for esquentando e entrando na adrenalina, consegue segurar mesmo com dor.” (GIBA, 2016). O outro jogador brasileiro a se machucar durante o jogo foi Lipe. Ele teve uma contratura nas costas e não voltou para a partida. Tande comentou que também sofria com lesões do tipo. “Eu jogava com muitas dores na coluna, tenho problema sério na coluna. Então é complicado. Quando você trava, para voltar é quase que impossível.” (TANDE, 2016). Essas participações da dupla de comentaristas reforçam a importância da vivência do esporte durante uma transmissão esportiva. Os comentários enriqueceram a cobertura, entregando para os telespectadores um conteúdo diferenciado de informações em relação ao que os jornalistas que nunca se dedicaram a prática do esporte poderiam trazer.

Já pelo lado argentino, o jogador Conte torceu o tornozelo e ficou fora do jogo por um breve período. Mais uma vez Tande trouxe para a cobertura um elemento de fora da quadra ao comentar que o pai do atleta estava preocupado com sua lesão na cabine de transmissão ao lado. “Luis, quem está desesperado do nosso lado aqui é o Hugo Conte, pai do Conte [jogador argentino]. O ponteiro passador medalha de bronze na Olimpíada de 1988 está aqui do nosso lado comentando pela televisão argentina e desesperado.” (TANDE, 2016). Percebe-se que o comentarista buscou em todas as partidas detalhar aspectos importantes do voleibol, como a apresentação de figuras importantes do esporte para o público.

Por se tratarem de ex-atletas, os comentaristas conhecem pessoalmente muitos dos jogadores que ainda atuam na modalidade. Esse também foi um fator utilizado para embasar análises realizadas pelos integrantes do “*Time de Ouro*” da Globo durante a cobertura das partidas. Em um desses casos, Giba falou da experiência adquirida por alguns jogadores argentinos que atuaram junto com ele durante sua passagem pelo voleibol do país vizinho. “Eu tive o prazer de jogar com o Gonzalez - o líbero - o Crer e o Solé no ano que eu joguei na Argentina. Realmente são jogadores que cresceram muito, e com um técnico como o Velasco não tem como você não chegar numa ascensão rápida.” (GIBA, 2016).

Os atletas quase sempre são os protagonistas dos esportes. Mas em algumas ocasiões os técnicos gozam de tanto ou mais prestígio do que quem está dentro do campo ou quadra. No

vôlei, por exemplo, o técnico Bernardinho, da seleção brasileira, é considerado um ícone. Ele é o técnico mais vencedor da história do esporte, tendo conquistado seis medalhas olímpicas consecutivas – bronze com a seleção brasileira feminina em Atlanta 1996 e Sidney 2000; ouro com os homens em Atenas 2004; prata em Pequim 2008 e Londres 2012 ainda no comando da seleção masculina e a medalha de ouro conquistada nos Jogos do Rio 2016. Outro grande técnico da modalidade é o argentino Julio Velasco, que comandou a seleção de seu país na Olimpíada disputada em solo brasileiro. A importância dessa figura do esporte foi destacada pelo narrador durante a transmissão de Brasil e Argentina.

Esse aí, esse senhor grisalho, é o técnico argentino Julio Velasco. Fez uma história belíssima no voleibol italiano, foi bicampeão mundial com as meninas da Itália, 1990 e 1994. Ganhou três campeonatos europeus. Foi seis vezes campeão da liga mundial com o time masculino da Itália. Conseguiu armar de novo uma Argentina que parecia esfacelada seis meses atrás. (LUIS ROBERTO, 2016).

Antes do início da competição uma partida entre Brasil e Argentina seria considerada tranquila para a equipe da casa. Entretanto, a seleção brasileira ainda buscava seu melhor jogo e os vizinhos argentinos haviam surpreendido o mundo ao terminarem como líderes em seu grupo na primeira fase. Luis Roberto apresentou o histórico de partidas entre as duas seleções no voleibol, contextualizando a rivalidade entre elas. “O Brasil tem um retrospecto impressionante. Entre Brasil e Argentina, o Brasil venceu, dos 103 jogos, 91. Mas em Olimpíada, são seis jogos, com três vitórias para cada lado, sendo duas delas nessa etapa em 1996 e 2000, nas quartas de final.” (LUIS ROBERTO, 2016).

Na transmissão dessa partida, assim como nos outros jogos, o desafio foi tema de análise pelos comentaristas. O recurso tecnológico se transformou em um dos pontos altos dos jogos de vôlei na Olimpíada. Tande comemorou o uso da tecnologia e lembrou as dificuldades que os árbitros enfrentam em alguns lances. “Como ele [desafio] veio para ajudar o voleibol mesmo. A bola é muito rápida. O ataque passa a 150, 160 por hora na frente do juiz. É impossível realmente você ver.” (TANDE, 2016).

3.4.5 BRASIL X RÚSSIA

No dia 19/08 a Globo transmitiu a partida semifinal do vôlei masculino, entre Brasil e Rússia. A vitória brasileira foi marcada pela superação, já que os dois jogadores que haviam se

lesionado na partida anterior entraram em quadra no sacrifício. As situações de Lucarelli e Lipe foram o tema do comentário inicial de Tande na transmissão. Ele trouxe informações sobre a condição física dos atletas. “Falei também com o Fiapo, o fisioterapeuta da seleção brasileira. Disse que o Lipe está com condições para jogar, mas pode sentir, e o Lucarelli também. Teve um pequeno estiramento na coxa, mas que vai para o jogo.” (TANDE, 2016).

A partida contra a Rússia contou com uma novidade. Pela primeira vez nas transmissões Fabi integrou a cobertura, auxiliando Tande e Giba nos comentários. A ex-jogadora da seleção feminina de vôlei abriu sua participação tratando também sobre o tema das dores, assunto mais abordado durante toda a partida pelos comentaristas. “Olha, acho que é um pouquinho de coração, entrega. Não tem dor... só se for no limite. Porque se tiver só uma dor incomodando, vamos para o jogo.” (FABI, 2016). A comentarista participou da transmissão nos mesmos moldes da dupla original da cobertura, sendo chamada pelo narrador para analisar situações da partida. Em uma de suas falas, quando o Brasil vivia um bom momento e abriu vantagem confortável no primeiro set, Fabi apontou as dificuldades da seleção russa no jogo: “Belo início do Brasil. A sensação que a gente tem agora aqui é que o Brasil não está precisando nem forçar muito o saque para ter os contra-ataques. Os próprios russos estão se enrolando ali na recepção e facilitando a leitura do bloqueio brasileiro.” (FABI, 2016). A esportista mostrou conteúdo em seus comentários, adequando-os através de uma linguagem acessível ao público, que enriqueceu a transmissão. “O que vale mesmo é ter o que passar, e entender o que acontece no evento esportivo, para poder relatar da forma mais simples possível para quem está do outro lado.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 68).

Na tentativa de apresentar o vôlei para os telespectadores, várias comparações com o futebol – esporte preferido dos brasileiros – foram realizadas durante os jogos. Na partida diante da Rússia foi Giba que usou do artifício. “O contra-ataque, Luis, para o pessoal de casa entender, é como um pênalti no futebol. Está com a bola na mão, tem que fazer o ponto. Não pode desperdiçar contra-ataque. Ainda mais contra um time como o time russo.” (GIBA, 2016).

A emoção tomou conta da cobertura nos momentos finais da partida. Mesmo antes do final do jogo, mas quando a vitória brasileira já estava assegurada, Luis Roberto lembrou a trajetória da seleção na Olimpíada e descreveu o ambiente no ginásio.

Num torneio em que tudo parecia mais difícil. O time foi ficando cascudo. Saiu de adversidades impressionantes. A torcida em pé. O Maracanãzinho energizado. E o Wallace no saque, o grande jogador. Vamos lá com o Wallace. O Brasil inteiro na expectativa! (LUIS ROBERTO, 2016).

A atuação brasileira na semifinal foi muito elogiada tanto pelo narrador quanto pelos comentaristas. Apesar de todas as dificuldades, o Brasil fez o seu melhor jogo na competição, vencendo com tranquilidade uma das seleções consideradas mais fortes do mundo. Com a vaga na final olímpica garantida, Tande se emocionou e ressaltou a superação dos jogadores brasileiros no confronto.

Tem que respeitar muito essa equipe. Vitória da superação, vitória da união. Dois jogadores machucados... no outro jogo jogaram juntos. Fizeram uma partida. Tá o Lipe chorando no meio da quadra mostrando para a torcida o coração. Bernardinho foi até ele. Isso é maravilhoso! Chegar numa final olímpica assim emociona todo mundo. O Brasil está de parabéns. (TANDE, 2016).

Ao final da transmissão da partida a equipe da Globo já começou a projetar a tão esperada final olímpica, que seria disputada contra a Itália dois dias depois. O narrador anunciou que Fabi também participaria da cobertura do confronto, repetindo o trio de comentaristas utilizados pela emissora na partida contra a Rússia.

3.4.6 BRASIL X ITÁLIA

A disputa pela medalha de ouro olímpica foi exibida pela Globo no dia 21/08. Um problema técnico ocorreu no começo da transmissão realizada direto do Maracanãzinho. Para contornar a situação, a emissora deslocou Rembrandt Júnior e Carlos Gil – que participavam das transmissões dos Jogos Olímpicos pela empresa - para a cobertura do vôlei. Após o problema ser solucionado a transmissão continuou normalmente com a presença da já tradicional equipe composta por Luis Roberto na narração, Tande e Giba nos comentários, além de Marcelo Courrage na reportagem de quadra. Fabi, assim como no jogo contra a Rússia, participou da transmissão comentando a partida.

O confronto entre brasileiros e italianos é um dos mais tradicionais do voleibol e conta com grande rivalidade. A final, disputada dentro de casa, tinha um sabor diferente para a seleção brasileira. Mas o jogo também era especial para a Itália, que buscava uma inédita medalha de ouro, como pontuou Luis Roberto na transmissão. “A Itália, que é mult campeã no voleibol, jamais conquistou a medalha de ouro olímpica. Tem duas pratas e três bronzes. É um sonho mesmo para o voleibol italiano.” (LUIS ROBERTO, 2016).

A partida iniciou tensa. Logo no começo da transmissão, Tande ressaltou o sentimento de nervosismo entre os jogadores brasileiros. “O Brasil começou um pouco nervoso. É importante que acalmar. É final olímpica, mas é importante acalmar principalmente no saque.” (TANDE, 2016). Além das análises de momentos do jogo, o comentarista continuou também a explicar lances da partida, como quando o narrador reclamou de um toque na rede do jogador italiano: “Não, não. Ele bateu por fora da rede. Depois da antena não tem problema nenhum. O Maracanãzinho inteiro aqui achou que o toque dele tinha sido rede, mas é uma jogada normal. Ponto italiano.” (TANDE, 2016).

Como aconteceu nas outras partidas, os comentaristas trouxeram detalhes sobre o adversário do Brasil. No jogo diante da Itália foi Giba quem assumiu essa responsabilidade. Ele observou que o time italiano “gosta de catimbar, como eram os cubanos naquela geração dos anos 2000. Mas muito importante o Brasil ter calma e não entrar no jogo italiano agora.” (GIBA, 2016). O ex-atleta ainda pediu atenção para a seleção brasileira no final do primeiro set, explicando que a Itália costumava melhorar nos momentos finais e usando como exemplo o jogador Zaytsev, que sozinho reverteu uma grande desvantagem de sua seleção contra os Estados Unidos, levando a Itália a final.

O Brasil precisa estar muito concentrado nesse final de set. A Itália que vem crescendo durante a competição sempre depois do 20. Então o Brasil precisa manter essa margem para não ter risco do Zaytsev, que é o próximo sacador da Itália, chegar no saque e fazer o que ele fez com os Estados Unidos. (GIBA, 2016).

A medida que a partida ia chegando ao seu final, e com o Brasil sempre liderando o placar, a emoção foi tomando conta dos comentários de Tande e Giba. A dupla nunca escondeu sua torcida pela seleção e pelos seus amigos dos tempos em que eram atletas. A dois pontos do título, Tande perguntou a Giba se ele estava emocionado. A confirmação veio com a seguinte fala: “É, bastante. É difícil eu não me emocionar num momento como esse, até porque eu convivi, eu estava lá na tristeza de Londres e estou vendo a alegria e a felicidade desses meninos que trabalharam durante quatro anos.” (GIBA, 2016). Também o narrador da partida se mostrou muito emocionado. Luis Roberto destacou a importância de mais essa conquista e ressaltou o que o Brasil representa no voleibol ao narrar o ponto final da partida.

O Brasil é medalha de ouro no vôlei masculino! E o primeiro país do mundo a conquistar quatro medalhas de ouro seguidas no voleibol, masculino e feminino. Se junta a Rússia e aos Estados Unidos como país sede a conquistar o ouro nesse esporte, o que é tão difícil. O Brasil é tricampeão olímpico. Quatro medalhas seguidas no vôlei masculino, dois títulos, duas pratas. O Brasil tem uma saga absolutamente indiscutível no voleibol. Delírio do Maracanãzinho e de todo o Brasil! (LUIS ROBERTO, 2016).

A cobertura esportiva tem o potencial de mexer com os sentimentos dos torcedores. E isso ficou evidenciado nas transmissões dos Jogos Olímpicos. Para Alcobra (2005):

Los medios de comunicación son el mejor expoente de la importancia del deporte, y los periodistas deportivos, los profesionales de la información que poseen la llave que abre la espita de sentimientos positivos o negativos entre los aficionados. (ALCOBA, 2005, p. 30).

A parte final da cobertura da seleção na Olimpíada foi marcada por elogios e homenagens dos comentaristas e narrador aos jogadores brasileiros, especialmente Serginho, que aos 40 anos se despedia das quadras pelo Brasil. A participação dos ex-atletas na transmissão foi um diferencial, já que eles mostraram muita propriedade nas falas e apresentaram seu conhecimento com uma linguagem simples e acessível ao público, traduzindo o esporte para os telespectadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro realizada pela Rede Globo mostrou o quão benéfico pode ser para o jornalismo contar com figuras ligadas ao esporte participando das transmissões dos eventos. A atuação dos ex-atletas como comentaristas foi um diferencial e enriqueceu o trabalho realizado pela emissora.

Nas dez partidas analisadas neste trabalho, percebeu-se que os ex-atletas desempenharam o papel de comentaristas, função importante para o esclarecimento da informação jornalística. O jornalismo consiste em explicar, relatar o que está ocorrendo para que o público possa tirar suas próprias conclusões sobre os fatos descritos. Os esportistas demonstraram essa preocupação, explicando a todo momento as jogadas e os momentos das partidas para o telespectador, apresentando a modalidade esportiva em todos os seus detalhes.

Mais do que explicar, deve-se saber como fazê-lo para que haja entendimento do que está sendo dito. As explicações realizadas ao longo das coberturas contaram com uma linguagem simples. Os comentaristas buscaram deixar de lado termos específicos do esporte, e quando lançavam mão dos mesmos, tentavam explicar o que eles significavam. Ficou claro que os ex-atletas sabiam para que público estavam falando e adaptaram a sua linguagem para facilitar a compreensão de todos. Os profissionais decodificaram o esporte, atendendo a um ensinamento dos autores Barbeiro e Rangel (2006).

Outro fator positivo trazido à cobertura pelos comentaristas convidados pela emissora foi o conhecimento da modalidade esportiva abordada. Por se tratarem de figuras do esporte reconhecidas nacionalmente e até mundialmente, eles já contavam com maior credibilidade junto ao público. Mas os profissionais não se contentaram com o prestígio adquirido durante suas carreiras. Os ex-atletas embasaram suas participações nas suas experiências e vivências no esporte. Por diversas vezes eles auxiliaram os narradores das partidas explicando marcações dos árbitros ou lances em que os jornalistas não tinham certeza do que havia acontecido. Esse conhecimento especializado, como defendido por Coelho (2004), é essencial para o jornalismo esportivo, uma vez que destaca o trabalho realizado. Os comentaristas conferiram credibilidade às transmissões, atingindo um objetivo sempre buscado na prática jornalística.

Como já dito, os ex-atletas tiveram importância nas transmissões. Mas deve-se destacar também a atuação dos jornalistas presentes nas coberturas. O conhecimento sobre a atuação

profissional e sobre as coberturas esportivas diferenciaram os narradores dos ex-atletas. Os primeiros, em razão de sua formação como jornalistas, comandaram às transmissões. Eles tinham o controle das coberturas e sabiam quando acionar os colegas de transmissão. Foram os jornalistas que deram dinamismo às coberturas, chamando os comentaristas a participar e indagando esses profissionais em momentos importantes das partidas. Diferentemente de Tande, que possui experiência maior no jornalismo em função dos diversos trabalhos realizados na Globo, os outros ex-atletas participaram menos das transmissões. Na maioria das vezes suas falas eram antecedidas por perguntas feitas pelos jornalistas presentes na cobertura. E era através dessas indagações dos narradores que muitas experiências dos esportistas eram trazidas à transmissão.

Os narradores também possuíam maior conhecimento sobre a linguagem a ser utilizada durante uma transmissão esportiva. Por mais que os comentaristas se esforçassem em traduzir os acontecimentos da partida de forma simples ao público, algumas vezes as explicações não eram tão claras. Por causa disso, em diversas oportunidades, os jornalistas interviam após falas dos esportistas, reforçando o que eles tinham acabado de dizer.

Apesar da importância que tiveram os ex-atletas durante a cobertura da Globo da Olimpíada, seria equivocada afirmar que eles podem substituir totalmente os jornalistas nessa atividade, já que são esses últimos que possuem a técnica jornalística. Por outro lado, é preciso admitir que os esportistas reconfiguraram as transmissões esportivas e que podem contribuir muito para as coberturas. A falta de especialização da imprensa esportiva em algumas modalidades menos populares pode ser preenchida pelos ex-atletas, enquanto que a linguagem e o conhecimento do próprio jornalismo estão presentes na formação de profissionais da área. Portanto, a junção entre os dois pode ser benéfica e aproveitada pelas empresas de comunicação.

A cobertura dos Jogos Rio 2016 não foi a primeira a se utilizar de ex-atletas, mas o uso em larga escala desse artifício mostrou as potencialidades da união entre esportistas e jornalistas. O legado desse trabalho conjunto é a abertura de novas portas para o jornalismo esportivo e de novas áreas de atuação para os esportistas que encerraram suas participações nos campos ou quadras. Também através das falas e das experiências trazidas às coberturas pelos ex-atletas, pode-se afirmar que eles ajudaram a apresentar as modalidades esportivas para o público, o que pode render bons frutos para o esporte brasileiro no futuro, tanto em relação a formação de novos profissionais do jornalismo esportivo, quanto de novos atletas desses esportes que contam com menos apelo popular.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **El Periodismo Deportivo en la sociedad moderna**. Madrid: Augusto Pila Teleña, 1979.
- ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo desportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. Contexto, 2006.
- BRITTOS, Valério Cruz; ANDRADE, Andrei. O futebolês que trava o jornalismo esportivo. **Observatório da Imprensa**. 2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/o-futeboles-que-trava-o-jornalismo-esportivo/>. Acesso em: 03/09/2016.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, Leda Maria da. Futebol folhetinizado: A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. Rio de Janeiro: **Comunicação e Esporte**. v.17, Nº02, 2010.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- MARQUES, José Carlos. O estigma de ser jornalista esportivo: A discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. **XXVI Congresso Brasileiro (INTERCOM)**. 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/estigma_ser_jornalista_esportivo.pdf. Acesso em: 03/09/2016.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: Uma visão econômica social e política**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha – 9. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- NETTO, Miguel Rodrigues. A cobertura especializada e as contradições na utilização de jornalistas ou ex-atletas nas transmissões esportivas. **Revista Científica Semana Acadêmica**. v. 1, 2013. Disponível em: http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_jornalismo_esportivo_0.pdf. Acesso em: 03/19/2016.
- RANGEL, Patrícia. A Mídia e a Construção do Herói Esportivo: Análise da Revista Placar com Neymar Crucificado. **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTRCOM)**. 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1650-1.pdf>. Acesso em: 06/09/2016.
- SAVENHAGO, Igor José Siquieri. **Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo**. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/97/143>. Acesso em: 12/09/2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005.